



vida pastoral

julho-agosto de 2024 – ano 65 – número 358



PROCESSO SINODAL
avanços, desafios e entraves

COLEÇÃO *Synodos*



Ser Igreja sinodal é a busca de aprendermos a “caminhar juntos”, como irmãos e irmãs. A PAULUS, atenta ao apelo do papa Francisco, que pede uma Igreja sinodal, propõe-se formar com qualidade, à luz da palavra de Deus e do magistério atual, as comunidades de fé, unindo formação e promoção humana.

Confira grandes obras que ajudarão você a trilhar este caminho.

loja.paulus.com.br
(11) 3789-4000 | 08000-164011
vendas@paulus.com.br
f i x @editorapaulus



Aponte a
câmera do
seu celular e
saiba mais!


PAULUS

Prezadas irmãs, prezados irmãos, graça e paz!

vida
pastoral

A clássica frase de Santo Agostinho: “Para vocês eu sou bispo, com vocês sou cristão” é inspiradora e ilumina esta edição de *Vida Pastoral*. A sinodalidade é um caminho feito junto; um caminho comunitário, em que todos têm a mesma dignidade e a compreensão de que a fonte de toda missão na Igreja é o batismo. Ele é a porta de acesso para os outros sacramentos.

Ocorre que, na prática, ao longo da história da Igreja, houve e há incompreensão a respeito da coexistência do batismo com as dimensões dos outros sacramentos. Essa resistência a considerar que o batismo nos iguala em dignidade e supera as pretensões de poder tem nome: chama-se clericalismo. O papa Francisco tem criticado e combatido o clericalismo, que ele chegou a chamar de “chaga” na Igreja.

Ninguém se ordena diácono, padre, bispo se antes não for batizado; ninguém faz os votos religiosos se antes não receber o batismo. Então, o bispo de Hipona dá a lição: “com vocês sou cristão”. Francisco tem procurado fazer isso. Como bispo de Roma, desde o início de seu pontificado, com gestos e ações, procura ser um cristão com os cristãos. Quem não se recorda de sua primeira aparição na varanda do Vaticano, em 13 de março de 2013, tão simples, com vestes leves, olhar suave e traços de sorriso de um lado ao outro da face? Com certo ar de espanto também. “Rezem por mim”, foi o primeiro pedido do papa.

Ele adotou um estilo de vida austero. Dispensou as pompas do palácio apostólico para viver na casa Santa Marta, lugar de hospedagem. Preferiu uma cadeira simples a outra que mais parecia o trono de um imperador. Não põe seus pés nos luxuosos sapatos Prada. Seus pés são pés de mensageiro que anuncia a paz (Sl 52). A cruz peitoral é a expressão do Cristo misericordioso, livre e acolhedor. Em suas viagens, sempre conduz uma pasta, aparentemente de muito uso. Decerto aquela pasta carrega sonhos de uma Igreja sinodal.

Apesar de sua idade e problemas nos joelhos e no pulmão, Francisco tem sido um peregrino. Sua primeira viagem como papa foi ao Brasil, em 2013, por ocasião da 28ª Jornada Mundial da Juventude. Desde o início, preferiu visitar os países periféricos, não correu logo ao encontro das

potências do poder econômico mundial. Insiste no diálogo inter-religioso, com ênfase no mundo islâmico, assim como já visitou vários países de minoria católica. Francisco faz jus ao nome pontífice: ele quer construir pontes e derrubar muros.

O papa tem falado para além das fronteiras da Igreja católica. Seu olhar mira as periferias geográficas e existenciais, como bem ressalta em sua primeira exortação apostólica, *Evangelii Gaudium*, a Alegria do Evangelho.

O ponto de partida do pontificado de Francisco é o anúncio da alegria, a comunicação da Boa Notícia. “A alegria do Evangelho enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus.” (EG 1). Para que essa alegria seja realidade desde agora e se plenifique no paraíso, Francisco é uma voz que clama para a necessidade da fraternidade humana. Para isso nos brindou com um belíssimo texto, a *Fratelli Tutti*, uma das encíclicas mais notáveis de seu ministério, que indica a urgência da fraternidade e da amizade social para construir um mundo de paz e justiça para todos, denunciando os que fazem guerra, os que açambarcam os bens da terra e deixam multidões na penúria, na fome, na dor.

O papa tem sido incansável no cuidado e atenção com a família, com a ecologia integral; no enfrentamento dos abusos no interior da Igreja. Além disso, no processo sinodal, tem valorizado o protagonismo dos cristãos leigos, com destaque para a presença da mulher na vida eclesial.

É crucial estarmos com o papa, promovermos seu pensamento: uma Igreja sinodal, aberta aos dilemas contemporâneos, mais acolhedora, plural, que se esforce para ler e compreender os sinais dos tempos. Estes tempos tão desafiadores, de crise humanitária, em que o acolhimento é mais importante do que o apego a doutrinas. Doutrinas que já não tocam a existência. Francisco insiste e deseja uma Igreja “pronto-socorro”, inspirando-se no evangelho de Jesus. Uma Igreja capaz de acolher as diferenças, menos legalista e mais amorosa.

Boa leitura!

Pe. Antonio Iraldo Alves de Brito, ssp
Editor

vida pastoral

Revista bimestral para sacerdotes
e agentes de pastoral

Ano 65 - Nº 358
julho-agosto de 2024



PAULUS

© PAULUS – 2024
Pia Sociedade de São Paulo
Rua Francisco Cruz, 199
04117-091 – São Paulo - SP
paulus.com.br
ISSN – 0507-7184

Direção editorial

Pe. Jakson Ferreira de Alencar, ssp

Editor

Pe. Antonio Iraldo Alves de Brito, ssp

Redação

vidapastoral@paulus.com.br

Conselho editorial

Pe. Antonio Iraldo Alves de Brito, ssp

Pe. Darci Luiz Marin, ssp

Pe. Jakson Ferreira de Alencar, ssp

Pe. Paulo Sérgio Bazaglia, ssp

Imagens

Romolo Picoli Ronchetti

Diagramação

Filipe Silva Ribeiro dos Santos

Revisão

Alexandre S. Santana

Tiago José Risi Leme

Impressão - PAULUS

Versão digital

vidapastoral.com.br



Periódico de divulgação científica.

Área:

Humanidades e artes.

Curso: Teologia.

Sumário

O SONHO DE UMA IGREJA DO AVENTAL,
COMUNIDADE ENCARNADA NA BASE
E NAS PERIFERIAS..... 4

Sônia Gomes de Oliveira

GANHOS E AVANÇOS, DESAFIOS E ENTRAVES
DO CAMINHO SINODAL..... 10

Pe. Geraldo Luiz de Mori

OBSTÁCULO À SINODALIDADE..... 20

Prof. João Décio Passos

FRANCISCO, AS JUVENTUDES E O SÍNODO
SOBRE A SINODALIDADE..... 30

Francisco Antonio Crisóstomo de Oliveira
(Thiesco Crisóstomo)

ROTEIROS HOMILÉTICOS 37

Pe. Marcus Mareano

Assinaturas

- Distribuição gratuita nas Livrarias PAULUS (1 exemplar por pessoa);
- Envio gratuito para as paróquias que fizerem o cadastro, a ser renovado anualmente (1 exemplar de cada edição por paróquia);
- Para receber em casa, basta fazer uma contribuição de 20 reais.
- O acesso ao *site* continua inteiramente gratuito: www.vidapastoral.com.br

Para contato:

paulus.com.br/loja

 (11) 3789-4000 | 0800 016 40 11

 (11) 3789-4000

 assinaturas@paulus.com.br

   @editorapaulus



Aponte a
câmera do
seu celular e
saiba mais!

APARECIDA – SP

Centro de Apoio aos Romeiros
Lojas 44, 45, 78, 79
(12) 3104-1145
aparecida@paulus.com.br

ARACAJU – SE

Rua Laranjeiras, 319
(79) 3211-2927
aracaju@paulus.com.br

BELÉM – PA

Rua 28 de Setembro, 61 – Campina (91)
3212-1195
belem@paulus.com.br

BELO HORIZONTE – MG

Rua da Bahia, 1136
Ed. Arcângelo Maleta
(31) 3274-3299
bh@paulus.com.br

BOA VISTA – RR

Avenida Ville Roy, 5011 – sala 01
Centro
(95) 3212-5340 / 98122-0040
boavista@paulus.com.br

BRASÍLIA – DF

SCS – Q.1 – Bloco I
Edifício Central – Loja 15 – Asa Sul
(61) 3225-9847
brasilia@paulus.com.br

CAMPINA GRANDE – PB

Rua Afonso Campos, 233 – Centro
(83) 3182-0659 / 99956-0020
campinagrande@paulus.com.br

CAMPINAS – SP

Rua Barão de Jaguará, 1163
(19) 3231-5866
campinas@paulus.com.br

CAMPO GRANDE – MS

Av. Calógeras, 2405 – Centro
(67) 3382-3251
campogrande@paulus.com.br

CAXIAS DO SUL – RS

Av. Júlio de Castilhos, 2029
(54) 3221-8266
caxias@paulus.com.br

COTIA – RAPOSO TAVARES

Av. das Acácias, 58 – Jd. da Glória
(11) 3789-4005
raposotavares@paulus.com.br

CUIABÁ – MT

Rua Antônio Maria Coelho, 180
(65) 3623-0207
cuiaba@paulus.com.br

CURITIBA – PR

Pça. Rui Barbosa, 599
(41) 3223-6652
curitiba@paulus.com.br

FLORIANÓPOLIS – SC

Rua Jerônimo Coelho, 119
(48) 3223-6567
florianopolis@paulus.com.br

FORTALEZA – CE

Rua Floriano Peixoto, 523
(85) 3252-4201
fortaleza@paulus.com.br

GOIÂNIA – GO

Rua Seis, 201 – Centro
(62) 3223-6860
goiania@paulus.com.br

GUARAPUAVA – PR

Rua XV de Novembro, 7466 - Lj. 1
(42) 9926-0224
guarapuava@paulus.com.br

JOÃO PESSOA – PB

Rua Peregrino de
Carvalho, 134 – Centro
(83) 3221-5108
joaopessoa@paulus.com.br

JUIZ DE FORA – MG

Av. Barão do Rio Branco, 2590
(32) 3215-2160
juizdefora@paulus.com.br

MACEIÓ – AL

Rua Barão de Alagoas, 32 – Centro
(82) 3142-0544
maceio@paulus.com.br

MANAUS – AM

Rua Itamaracá, 21 – Centro
(92) 3622-7110
manaus@paulus.com.br

NATAL – RN

Rua Cel. Cascudo, 333
Cidade Alta – (84) 3211-7514
natal@paulus.com.br

PORTO ALEGRE – RS

Rua Dr. José Montauray, 155
Centro – (51) 3227-7313
portoalegre@paulus.com.br

RECIFE – PE

Av. Dantas Barreto, 1000 B
(81) 3224-9637
recife@paulus.com.br

RIBEIRÃO PRETO – SP

Rua São Sebastião, 621
(16) 3610-9203
ribeiraopreto@paulus.com.br

RIO DE JANEIRO – RJ

Rua México, 111-B
(21) 2240-1303
riodejaneiro@paulus.com.br

SALVADOR – BA

Rua Direita da Piedade, 75 – Barris
(71) 3321-4446
salvador@paulus.com.br

SANTO ANDRÉ – SP

Rua Campos Sales, 255
(11) 4992-0623
stoandre@paulus.com.br

SÃO JOSÉ DO RIO PRETO – SP

Rua XV de Novembro, 2826
(17) 3233-5188
riopreto@paulus.com.br

SÃO LUÍS – MA

Rua do Passeio, 229 – Centro
(98) 3231-2665
saoluis@paulus.com.br

SÃO PAULO – PRAÇA DA SÉ

Praça da Sé, 180
(11) 3105-0030
pracase@paulus.com.br

SÃO PAULO – VILA MARIANA

Rua Dr. Pinto Ferraz, 207
Metrô Vila Mariana
(11) 5549-1582
vilamariana@paulus.com.br

SOROCABA – SP

Rua Cesário Mota, 72 – Centro
(15) 3442-4300 / 3442-3008
sorocaba@paulus.com.br

TERESINA – PI

Rua Rui Barbosa, 45 – Centro
teresina@paulus.com.br

VITÓRIA – ES

Rua Duque de Caxias, 121
(27) 3323-0116
vitoria@paulus.com.br

Entrevista com: Sônia Gomes de Oliveira*

*Sônia Gomes de Oliveira é cristã leiga da arquidiocese de Montes Claros-MG. Assistente social na Legião de Recuperação e Assistência – LAR, onde atende grupos urbanos e rurais da região norte de Minas. Presidente do Conselho Nacional do Laicato no Brasil e animadora popular do coletivo de mulheres da periferia. E-mail: negasonia@gmail.com

O sonho de uma Igreja do avental, comunidade encarnada na base e nas **periferias**



Sônia Gomes foi uma das mulheres que participaram da Assembleia Sinodal do Sínodo sobre a sinodalidade, em Roma, entre os dias 4 e 29 de outubro de 2023. Nesta entrevista, ela conta detalhes do evento e fala sobre os desafios para uma Igreja sinodal, algo que não é novo, mas sempre encontrou entraves. A presidente do Conselho Nacional do Laicato do Brasil (CNLB) revela que o método de trabalho na assembleia denota que estamos vivendo um processo de “conversão no Espírito, que nos fazia (faz) dialogar de igual para igual, leigos, bispos, padres, religiosos, num clima de comunhão e caminhos”. Ela ainda destaca o desafio da ministerialidade, “especialmente das mulheres nas comunidades”, relacionado a “romper o clericalismo para vencer o autoritarismo, trazendo a eclesiologia do serviço na missão, o olhar para os pobres e para as periferias”.

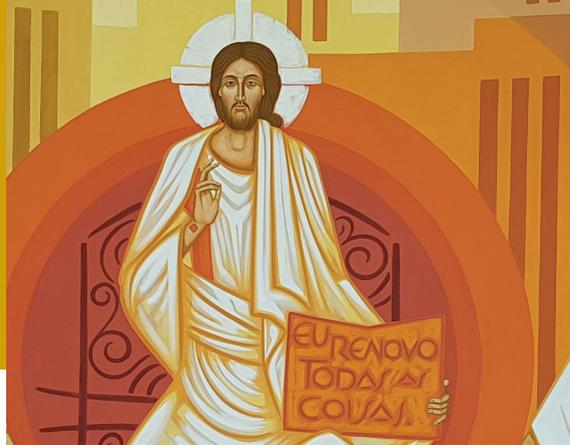


Sônia, poderia nos contar como foi participar da Assembleia Sinodal do Sínodo sobre a sinodalidade?

Não tenho palavras para descrever. Primeiro, a alegria de ser uma convidada para estar ali – diante da realidade de [nós, mulheres] sermos muito dos bastidores da Igreja e eu ser uma mulher do interior –, para estar nesse momento de abertura na Igreja. É muita alegria e, ao mesmo tempo, muito desafiador, até porque recebemos muitas críticas. Mas também uma grande responsabilidade está na representatividade da Igreja do laicato no Brasil. Este [o laicato] que é visto como um sujeito de função

menor. Mas o convite de participar do Sínodo dos Bispos, com direito a voz e voto, já é um exemplo de vivência da sinodalidade que hoje o papa Francisco tem insistido em nos pedir. A impressão que tive ali, primeiro, foi de uma expressão das forças vivas da Igreja e que fomos convocados/as a caminhar juntos como batizados, sem maiores ou menores, [e sim] iguais. Que o Sínodo não era somente um evento, mas um processo! Depois, a pluralidade que havia ali – eu, vindo do sertão norte-mineiro, vindo ali a riqueza de culturas, ritos, dons, carismas, e tudo em busca da comunhão, da unidade da Igreja, fiquei pensando: que força o papa tem de conseguir unir o povo de Deus junto dele,

“a Igreja precisa recuperar essa arte da escuta, pois fala, escreve muitos livros e escuta pouco as periferias.”



expressão da Igreja toda povo de Deus. Depois, ali todos tinham um testemunho de vida, de experiências, de vivência. E olhe que estávamos (estamos ainda) num contexto de guerra e o Sínodo tratava da guerra; rezávamos pelo seu fim, mas também buscávamos ali a unidade, o diálogo. Isso foi muito forte para mim.

Depois, a profundidade espiritual que o Sínodo teve. Iniciamos com um retiro, como forma de purificação do nosso “eu” e de nossas pautas pessoais. A centralidade do Sínodo era espelhar-se na Trindade santa – três em um –, buscando a unidade. Depois, a centralidade que nos unia ali: a missão da Igreja, a centralidade em Jesus, o diálogo e a escuta, a formação permanente, a inclusão dos mais esquecidos e o romper com estruturas que não dialogam com a realidade, o retorno à vivência da Doutrina Social da Igreja. Por fim, creio que a metodologia, com as mesas circulares, o método de conversão no Espírito, que nos fazia dialogar de igual para igual, leigos, bispos, padres, religiosos, num clima de comunhão e caminhos. Por mais que não estivéssemos acostumados a escutar o outro, todos éramos obrigados a ouvir. Então, creio que a experiência de uma Igreja sinodal foi ali vivenciada.

Sobre o processo sinodal na Igreja no Brasil, o que você destacaria de importante para a sessão em Roma?

Penso que o processo de escuta sugerido pela equipe nacional foi bom; foi uma pena que nem todas as dioceses, paróquias, pastorais e movimentos aderiram e fizeram o processo de escuta acontecer ou, de fato, escutaram a

todos. Mas creio que o relatório-síntese que o Brasil produziu foi muito utilizado, apontando ações e questões que também saíram em outras conferências e serviram para fortalecer pontos de convergência que precisavam avançar e ser discutidos. O relatório-síntese do Brasil vem também ao encontro da realidade da América Latina e foi um dos relatórios que trouxeram, na fase continental – que aconteceu até mesmo aqui no Brasil, no mês de março de 2023 –, temas como juventude, clericalismo, mulheres, abusos na Igreja e também os temas da ministerialidade e da formação em todos os níveis, das estruturas de Igreja que já não dialogam com a realidade de nosso tempo. Creio que o trabalho da equipe de síntese foi bem-feito. Creio que o grande desafio foi o compromisso de fazer esse instrumento chegar às bases, ser assumido por mais dioceses, pastorais e movimentos, mas destaco muito o tema da ministerialidade, especialmente das mulheres nas comunidades, e o romper com o clericalismo para vencer o autoritarismo, trazendo a eclesiologia do serviço na missão, o olhar para os pobres e para as periferias. Isso, para nós, foi o ponto forte. Depois, a característica da América Latina trouxe o rosto dos pobres, a alegria e a inculturação.

Talvez um dos verbos mais repetidos durante o processo sinodal seja “escutar”. O que você diria sobre isso? A Igreja tem ouvido a todos?

Escutar é uma arte que muitas vezes não fomos ensinados a exercer, mas, como você disse, foi a palavra e a experiência vivenciada

no Sínodo, por isso disse anteriormente: mesmo aqueles/as que não tinham o costume de escutar durante o Sínodo tiveram de vivenciar essa experiência, e de uma forma orante. Penso que, quando a Igreja fala em ter a centralidade em Jesus, uma das coisas para mim que fica muito forte é que Jesus escutava as pessoas, os sentimentos. Hoje a Igreja precisa recuperar essa arte da escuta, pois fala, escreve muitos livros e escuta pouco as periferias. Lembro que, durante o Sínodo, dei um dos primeiros depoimentos sobre o que foi minha experiência de escuta. Estive com mulheres em situação de vulnerabilidade, presos, povo de rua e catadores, e a primeira coisa que eles falavam era: que bom que a Igreja, através do papa, quer nos escutar, porque muitas vezes chegamos perto da Igreja e logo nos afastam, não querem nos escutar, achando que vamos somente pedir, mas muitas vezes vamos ali para buscar ajuda, apoio, precisamos que alguém nos escute. Creio que essa é a realidade de muitos jovens, famílias. Já levamos tudo pronto, como se soubéssemos da realidade do que eles vivem. Trabalho com muita gente de periferia e hoje sinto que, se não abriremos os ouvidos e tirarmos um tempo para escutar o povo, não teremos pessoas em nossas igrejas, especialmente os pobres, que são os menos ouvidos em muitos lugares. E creio que grande parte disso é justamente este modelo de Igreja que estamos vivendo ou fortalecendo hoje: uma Igreja centrada na pessoa do padre. Clericalismo não combina com a sinodalidade. São antagônicos. E o clericalismo reforça o autoritarismo, que não é a autoridade de que Jesus fala, não é o serviço da missão. É manutenção. Isso foi trazido durante a Assembleia Sinodal, e temos visto esse medo que muitos têm da Igreja sinodal e do que o papa Francisco propõe. Porque querem viver uma estrutura ou uma eclesio- logia que é da autorreferencialidade da Igreja, e o papa Francisco retoma a eclesiologia do Concílio Ecumênico Vaticano II [1962-1965], Igreja povo de Deus.

Bíblias Paulus

Fidelidade
aos originais.



“Amo minha
**Bíblia
Pastoral,**
e a **Bíblia
do Peregrino.**
Excelentes
em texto e
notas!”

Depoimento de quem
vive a experiência
de ter uma de
nossas Bíblias.

Vendas: (11) 3789-4000

08000-164011

paulus.com.br

No contexto eclesial, o papa Francisco tem insistido em uma Igreja aberta, acolhedora, uma Igreja “pronto-socorro”, que se aproxime, tenha compaixão e cuide de todos. Você considera que, no desenvolvimento do Sínodo, há sintonia entre o que o papa sugere e a pastoral nas dioceses?

Não quero generalizar, porque temos bispos e padres comprometidos com essa eclesiologia que o papa Francisco nos convida a assumir, mas ainda temos mais resistência e o não assumir do que o assumir. Inclusive por parte de um clero mais jovem, que não vivenciou essa experiência da Igreja da comunidade, encarnada na base, nas periferias, a Igreja do avental. Vejo que, nas nossas dioceses, ainda não entramos nessa sintonia, e o problema é que muitas vezes o laicato ainda não tem autonomia nos espaços, tudo depende da permissão do padre; e se o padre não convida, não convoca, dependendo do leigo, ele não faz. Destaco uma fala do papa Francisco, quando diz que não podemos ser hóspedes na Igreja, onde vamos recebendo o que queremos, pagamos e vamos embora. Se não houver uma motivação de todos e de todas, o documento-síntese vai ficar restrito a grupo mais elitizado que está ali ao redor do padre, do bispo ou nas coordenações. Precisamos fazer [acontecer] o processo na nossa Igreja e penso que agora é o momento de redescobrir Jesus em nossa vida, a

partir do outro, dos mais sofridos, mas não somente para fazer assistencialismo e ficar em paz, e sim para a Igreja ser esse espaço de hospital que está ali junto daquela mãe, das comunidades atingidas pelos impactos ambientais, das mulheres que sofrem violência. Essa é a Igreja sinodal, com menos vestes, menos “eu” e mais o “nós”, menos tijolos e mais poeira e pó, menos placas de valores na sacristia e mais portas abertas para escutar. Se conseguirmos fazer isso, inclusive refletindo o relatório-síntese, poderemos chegar a essa sintonia.

O que você destacaria no sentido da esperança na Igreja? O que esperar agora do processo sinodal?

Como sou uma mulher preta, pobre e do sertão, carrego esperança em tudo, pois toda a minha vida foi acreditar na esperança. E na vida eclesial não é diferente, porque somos o povo do Ressuscitado, senão estaríamos como os discípulos de Emaús; [é preciso] sempre acreditar no processo. Prefiro carregar a alegria de Maria Madalena: ele ressuscitou e vamos correndo anunciar. É lógico que não sou simplória em pensar que basta somente acreditar. É necessário ir, participar e fazer a diferença, ser perseguida, ser malvista, mas como não acreditar num Deus que está sempre presente? Vejo que todo o processo do Sínodo já é um exemplo de esperança. Olhe como o papa Francisco tem sofrido perseguição, não aceitação, ali dentro mesmo. Alguns dizendo que não reconheceriam o Sínodo como um sínodo dos bispos. Mas ele não foi para o embate. Ele convoca homens e mulheres de todas as raças e idades e faz a experiência, e ali tivemos muitos sinais de esperança. Pessoas dizendo que eram capazes de evangelizar não obstante sua deficiência – da qual não eram “portadoras”, só tinham a deficiência – e que a Igreja precisava ouvir outros iguais a

“Prefiro carregar a alegria de Maria Madalena: ele ressuscitou e vamos correndo anunciar.”

elas. Outros segmentos se apresentaram para dizer que acreditavam na Igreja e na proposta do papa Francisco, porque era o desejo do Espírito Santo de Deus. Eu, ao ir para o Sínodo, recebi muitas críticas, também aqui na minha diocese, de grupos que diziam que uso anel de tucum, que sou comunista, que estou defendendo o papa etc. Num primeiro momento, não tem como [isso] não mexer com o [estado] emocional; mas cresci numa sociedade onde recebi mais “não” do que “sim”, [mais] palavras como “você não pode” do que palavras de incentivo – “vá e faça” –, então eu soube aproveitar muito as poucas vezes em que ouvi palavras de incentivo, e isso é minha realidade até hoje. E estar à frente do Conselho Nacional do Laicato do Brasil, organismo da Igreja no Brasil, é uma honra, e penso que nós, leigos e leigas, precisamos carregar essa espiritualidade da corresponsabilidade, do diálogo e da comunhão. Comunhão não no sentido de abaixar a cabeça, mas no sentido de que [aquele que] nos motiva a estar numa pastoral, num organismo ou na Igreja é Jesus Cristo, e é por ele e com ele que precisamos assumir o projeto de defesa da vida, da cultura de paz e da Igreja onde todos somos vistos, ouvidos e temos o direito de apontar decisão. O processo sinodal é retomar o caminhar de Jesus, que já convocava e caminhava junto. Para vivenciá-lo hoje, será preciso um processo de conversão, uma tarefa difícil até por conta do modelo de eclesiologia que estamos vivenciando agora, muito intimista. Mas na Igreja sinodal [isso] é possível acontecer, desde que cada um dê sua contribuição – desde teólogos/as, estudiosos, leigos, leigas, bispos, padres, diáconos –, abrindo-nos a esse processo de contribuir nessa experiência de fé. Depois, tudo que é novo gera medo, mas o medo, neste caso, tem de ser de reencantar, redescobrir esse jeito e vivenciá-lo nos pequenos espaços onde estou e atuo.

vp

Bíblia Paulus

Fidelidade
aos originais.



“Obrigado,
[@editorapaulus](#)
pela **Bíblia**
Edição
Pastoral!”



Depoimento de quem
vive a experiência
de ter uma de
nossas Bíblias.

Vendas: (11) 3789-4000

08000-164011

paulus.com.br

*Pe. Geraldo Luiz de Mori é jesuíta, mestre (1996) e doutor (2002) em Teologia pelas Facultés Jésuites de Paris (Centre Sèvres), professor de Teologia Sistemática na Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (Faje), membro do *board* de editores da *Revista Concilium*, do Grupo de Santiago (Teologia Prática/Pastoral), líder do Grupo de Pesquisa "As interfaces da antropologia na teologia contemporânea", bolsista do CNPq.

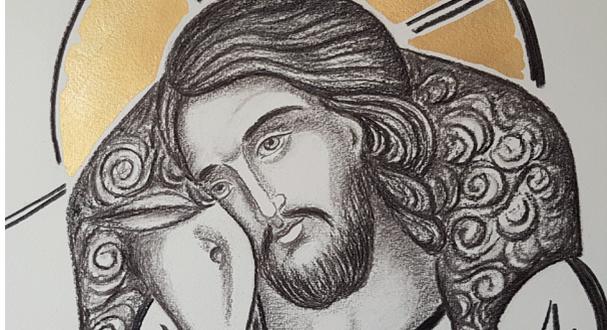
GANHOS E AVANÇOS, desafios e entraves do caminho sinodal



A 16ª Assembleia Ordinária do Sínodo dos Bispos, convocada em 7/9/2021, com o tema “Por uma Igreja sinodal: comunhão, participação e missão”, realizou, em outubro de 2023, sua primeira sessão e deverá realizar a segunda em outubro de 2024. Além da novidade do método utilizado, o processo sinodal tem despertado muitas expectativas e esperanças, mas também certos impasses e frustrações.

O presente texto retoma, de modo sintético e panorâmico, os passos dados até o momento, indicando os possíveis “ganhos e avanços”.





“Os ‘ganhos’ e os ‘avanços’ do atual percurso sinodal devem ser lidos em termos de tempo e não de espaço, para não criar falsas expectativas ou exigir desse percurso o que ele não pode dar.”

INTRODUÇÃO

Desde que foi eleito, o papa Francisco já convocou e realizou os seguintes processos sinodais: a 3ª Assembleia Geral Extraordinária, em outubro de 2014, ao redor do tema “Os desafios pastorais da família no contexto da evangelização”; a 14ª Assembleia Ordinária, realizada em outubro de 2015, ao redor do tema “A vocação e a missão da família na Igreja e no mundo contemporâneo”; a 15ª Assembleia Ordinária, em outubro de 2018, ao redor do tema “Os jovens, a fé e o discernimento vocacional”; a Assembleia Especial do Sínodo dos Bispos para a Região Pan-amazônica, em outubro de 2019, ao redor do tema “Amazônia, novos caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral”. Em 7/9/2021, ele convocou a 16ª Assembleia Ordinária, que inicialmente seria realizada entre 2021–2023, ao redor do tema “Por uma Igreja sinodal: comunhão, participação e missão”, com uma sessão em outubro de 2023, mas foi prorrogada com mais uma sessão em 2024.

Os processos sinodais conduzidos por Francisco têm sido marcados por algumas novidades em termos de método. A primeira delas, presente nas Assembleias de 2014 e 2015, e também na de 2018, foi o envio de um questionário às conferências dos bispos, solicitando uma consulta aos grupos implicados na temática – ou seja, à família e às juventudes. Além disso, no Sínodo sobre os jovens, o papa propôs a realização de uma reunião pré-sinodal, da qual participaram cerca de trezentos jovens. No Sínodo para a Região Pan-amazônica, houve outra novidade, a escuta do conjunto das forças vivas da Igreja da região, que implicou mais de oitenta mil pessoas. Com base nessa experiência

e nas novas diretrizes da Constituição Apostólica *Episcopalis Communio*, sobre o Sínodo dos Bispos, de 2018, que prevê uma etapa de preparação feita de escuta ao povo de Deus, seguida da etapa do discernimento e decisão, culminando na aplicação dos resultados, o papa inovou ao convocar a 16ª Assembleia Ordinária do Sínodo dos Bispos para refletir sobre a sinodalidade: previu uma escuta muito mais abrangente, implicando todo o povo de Deus de todas as dioceses. A partir dessa escuta, seria elaborado um Documento de Trabalho para uma nova etapa, a continental, prevendo sete assembleias continentais, cujos resultados, por sua vez, dariam origem ao *Instrumentum laboris*, que orientaria a primeira sessão, realizada em outubro de 2023. Nessas duas etapas, houve mais novidades em termos metodológicos: a adoção do “método da conversa/diálogo no Espírito” e a participação, com voz e voto, de todos os segmentos do povo de Deus numa organização eclesial em que somente os bispos tinham essa prerrogativa. Todo esse processo suscitou muitas expectativas e levantou muitas questões. O presente texto, tendo como referência as sínteses da escuta de algumas dioceses do Brasil, a da CNBB, a da etapa continental e o *Relatório de Síntese* da primeira sessão do Sínodo, propõe algumas considerações sobre os possíveis “ganhos e avanços” do processo sinodal, assinalando também alguns de seus “limites e entraves”.

1. “GANHOS” E “AVANÇOS” DO CAMINHO SINODAL

É difícil fazer um balanço de algo que ainda está acontecendo, sobretudo se, por um lado, isso que está em curso faz parte

de um processo mais longo, que tem em vista o que o papa Francisco, na *Evangelii Gaudium*, chamou de “conversão pastoral e missionária” da Igreja (EG 25-27; 30; 32), e se, por outro lado, se leva em conta que “o tempo é superior ao espaço” (EG 222) e que dar prioridade ao tempo é “ocupar-se mais com iniciar processos do que possuir espaços” (EG 223). Nesse sentido, os “ganhos” e os “avanços” do atual percurso sinodal devem ser lidos em termos de tempo e não de espaço, para não criar falsas expectativas ou exigir desse percurso o que ele não pode dar.

Levando, portanto, em conta a etapa em que se encontra a 16ª Assembleia do Sínodo sobre a sinodalidade – entre a primeira e a segunda sessão – e a dinâmica que lhe é subjacente, a de inaugurar processos, é possível, sim, já perceber vários “ganhos” e “avanços”. O primeiro, sem dúvida, tem a ver com o método adotado. Ao criar o Sínodo dos Bispos, em 1965, Paulo VI tinha o intuito de “reprovar a imagem do Concílio Ecumênico e refletir o seu espírito e o seu método” (PAULO VI, 1967). Como ele previa, essa instituição foi “aperfeiçoada” com o tempo, e, como recorda o papa Francisco no discurso que fez no quinquagésimo aniversário da criação do Sínodo dos Bispos, o caminho sinodal é “precisamente o caminho que Deus espera da Igreja do terceiro milênio”. De fato, observa o atual pontífice, “aquilo que o Senhor nos pede, de certo modo está já tudo contido na palavra ‘sínodo’”. Trata-se de “caminhar juntos – leigos, pastores, bispo de Roma”. Para isso, é preciso saber escutar-se, reconhecer a igual dignidade de cada membro da Igreja, “ciente de que escutar ‘é mais do que ouvir’” (FRANCISCO, 2015). De fato, a etapa da escuta foi não só um exercício de resposta a um questionário a ser enviado às secretarias das paróquias ou às Cúrias diocesanas,

Bíblia Paulus

Fidelidade
aos originais.



“Leio, uso e indico a **Bíblia Pastoral** na ação de leiga: reuniões, formações e momentos de oração!”

Depoimento de quem vive a experiência de ter uma de nossas Bíblias.

Vendas: (11) 3789-4000
08000-164011
paulus.com.br



“O atual processo sinodal articula, ao redor da ‘missão’, os termos ‘comunhão’ e ‘participação.’”

mas também uma oportunidade para tomar consciência dos avanços, entraves e anseios de cada Igreja particular em termos de sinodalidade, comunhão, participação e missão. Por sua vez, as sínteses das Conferências são uma fotografia e uma radiografia da dinâmica sinodal em cada Igreja nacional. Finalmente, o método do “diálogo/conversa no Espírito”, utilizado, sobretudo, na etapa continental e na primeira sessão do Sínodo, realizada em outubro de 2023, foi um aprendizado de que, na escuta mútua, é possível discernir o que “o Espírito diz às Igrejas” neste tempo (Ap 2,7.11.29).

A ideia de “ganho” e “avanço” é, em geral, associada à lógica do progresso que ocorreu ou não em uma instituição, mostrando certo *plus* em relação ao presente e ao futuro. O caminho sinodal não funciona, porém, com essa lógica, pois propõe uma “releitura” ou uma “segunda recepção” do evento conciliar (BRIGHENTI, 2022, p. 42), ou seja, um retorno a esse evento, aos textos que produziu, os quais devem ser reinterpretados no presente e no futuro. Do Concílio é escolhida uma categoria, a sinodalidade, que, na primeira recepção do Vaticano II, não foi posta em relevo, pois não se encontrava no *corpus* textual conciliar, embora esteja subjacente em sua eclesiologia, sobretudo na imagem da Igreja povo de Deus, presente na segunda parte da Constituição sobre a Igreja (LG 9-17).

Muitos elementos dessa eclesiologia foram valorizados nestes quase sessenta anos da promulgação da *Lumen Gentium*, como a afirmação da igual dignidade de todos os fiéis, dada pelo batismo, com a conseqüente corresponsabilidade de todos na missão da Igreja, o que levou ao surgimento de muitos ministérios e serviços, nos quais o laicato, a vida religiosa consagrada e os ministros ordenados se implicaram de muitas maneiras, sem contar as inúmeras iniciativas de presença e atuação dos fiéis no seio da sociedade.

Apesar das dinâmicas mais “horizontais” suscitadas pela eclesiologia conciliar, que se traduziram em presença de serviço à promoção da vida na sociedade, a tendência à autorreferencialidade (EG 8; 94-95), os mecanismos de autopreservação (EG 27), o clericalismo (EG 102) e a pastoral de conservação (EG 15) foram, ao longo dos anos, corroendo o dinamismo da eclesiologia conciliar, substituindo-a por dinâmicas mais verticais e, em muitos casos, autoritárias. Daí o chamado do papa Francisco à “nova etapa” da evangelização (EG 1; 17; 287), a qual necessita de uma “reforma” profunda e permanente da Igreja (EG 17; 26-28; 30; 43), que a transforme radicalmente em uma “Igreja em saída” (EG 17; 19; 24; 46). O atual processo sinodal articula, ao redor da “missão”, os termos “comunhão” e “participação”. Paulo VI, na *Evangelii Nuntiandi*, havia insistido que a “graça”, a “vocação” e a “identidade” da Igreja se definem pela missão de evangelizar (EN 14). Todo o pontificado de Francisco tem sido um apelo insistente para que a Igreja redescubra a alegria do Evangelho, a qual faz com que os que o recebem e nele encontram o sentido da existência possam compartilhá-lo (EG 1). Todo o processo desencadeado no atual caminho sinodal articula-se ao redor da missão. Assim o traduziu o *Relatório de*

Síntese, que traz como título “Uma Igreja sinodal em missão”, articulando-se em três partes: a primeira, dedicada à descrição do “rosto da Igreja sinodal”; a segunda, mostrando que todos são “discípulos” e “missionários”; e a terceira, apontando os caminhos para “tecer laços” e “construir comunidade”, ou seja, ser sinodal.

A sinodalidade deve, portanto, ser o “estilo” da Igreja, ou seja, aquilo que lhe permite “testemunhar” – pelo modo como ela se organiza, acolhe, reconhece e valoriza os diferentes que a compõem – que é possível viver numa sociedade fragmentada e plural sem se excluir mutuamente ou sem fazer guerra ao outro por ser diferente, seja por sua pertença a uma classe social, a uma etnia ou a uma religião, seja por sua orientação sexual. Nesse sentido, a palavra “inclusão”, que marcou todo o processo de escuta e a primeira sessão do Sínodo – em geral, associada à situação afetiva de fiéis divorciados que voltaram a se casar ou a pessoas do mesmo sexo que pedem que a Igreja não as exclua –, tem um significado muito mais amplo. Trata-se, como afirma Francisco na *Fratelli Tutti*, de ser capaz de uma hospitalidade que leve ao “encontro com a humanidade mais ampla que o próprio grupo”, que faz cada um “se transcender” numa “abertura ao outro” (FT 90). E os rostos que melhor expressam esse apelo à hospitalidade são os dos pobres, em suas muitas carências, vistos não só como “objeto” de caridade, mas também como “depositários” de uma dignidade que não pode ser menosprezada, a qual os torna sujeitos dos caminhos de reconhecimento dessa dignidade e da própria evangelização, como aparece no *Relatório de Síntese* da primeira sessão da 16ª Assembleia do Sínodo (SECRETARIA GERAL DO SÍNODO DOS BISPOS, n. 4).

Bíblias Paulus

Fidelidade
aos originais.



“Maravilhosa
Bíblia Pastoral,
que me
acompanha
desde o início
de minha
caminhada.”

Depoimento de quem
vive a experiência
de ter uma de
nossas Bíblias.

Vendas: (11) 3789-4000
08000-164011
paulus.com.br

“A mentalidade clericalista transfere para o ministro ordenado o múnus profético, real e sacerdotal, impedindo que os fiéis assumam sua vocação no seio do povo de Deus.”



2. DESAFIOS E “ENTRAVES” À SINODALIDADE

Todo o processo sinodal tem sido uma espécie de percurso pedagógico que leve ao aprendizado da passagem do “eu” ao “nós” (SECRETARIA GERAL DO SÍNODO DOS BISPOS, n. 2a). Esse processo implica a conversão, não só em âmbito pessoal, mas também no das estruturas eclesiais. Vários aspectos dessa conversão apareceram ao longo do caminho feito até o momento. Alguns estão diretamente ligados a elementos internos da instituição eclesial, outros a elementos externos, podendo ser lidos como “desafios” e “entranves” ao processo sinodal.

O primeiro desses desafios ou entranves tem a ver com o modelo eclesiológico que ameaça o processo sinodal: o clericalista. Esse modelo não pensa a Igreja na perspectiva do sacramento do batismo, como é o modelo que emerge da categoria povo de Deus, da *Lumen Gentium*, e sim na perspectiva do sacramento da ordem. Em sua origem, este sacramento não é a fonte da qual nasce a Igreja, e sim um serviço, seja à pregação, seja à organização, seja ao culto. O batismo, com o tríplice múnus que confere aos fiéis – a saber, o profético, o real e o sacerdotal –, torna cada um/a profeta, rei e sacerdote, quer nas diversas atividades que desempenha no mundo, quer nos diferentes serviços que é chamado/a a prestar no seio da Igreja. A mentalidade clericalista transfere para o ministro ordenado o múnus profético, real e sacerdotal, impedindo que os fiéis assumam sua vocação no seio do povo de Deus ou

criando neles a mentalidade de minoridade eclesial. Desde a *Evangelii Gaudium* o papa Francisco tem criticado severamente o clericalismo (EG 102), e o processo sinodal reiterou essa crítica, como aparece nas sínteses de vários países, nas da etapa continental e no *Relatório de Síntese* da primeira sessão do Sínodo (SECRETARIA GERAL DO SÍNODO DOS BISPOS, n. 9f; 11c).

Outros desafios, associados ao problema do clericalismo, apareceram nas sínteses das instâncias em que se deram as escutas e no *Relatório de Síntese*: o das mulheres na vida e na missão da Igreja, o da formação, sobretudo dos futuros ministros ordenados, e o da reforma no Código de Direito Canônico. Numa Igreja sinodal, cada pessoa conta e deve ser reconhecida no que lhe é constitutivo. As mulheres – que representam, na maioria das igrejas, o maior contingente de fiéis – participam de muitas maneiras em muitas instâncias, serviços e ministérios, prestando enormes serviços à evangelização e à organização pastoral, mas não são suficientemente reconhecidas e, em muitos lugares, não são implicadas nos processos de tomada de decisão, sem contar que não podem ter acesso ao sacramento da ordem. Ora, se o batismo é a fonte da qual nasce a Igreja, a impossibilidade do exercício de certos serviços e ministérios no corpo eclesial por parte das mulheres, bem como sua falta de valorização, levanta muitos questionamentos. Essa questão apareceu em muitas sínteses e, igualmente, no *Relatório de Síntese* (SECRETARIA GERAL DO SÍNODO DOS BISPOS, n. 9; 11l).

A questão da formação, além de responder a uma das perguntas da etapa da escuta nas Igrejas locais, ganhou forte relevo nas discussões da etapa continental e na primeira sessão do Sínodo, sendo vista como fundamental para o processo de “aprendizado” dos fiéis no caminho sinodal e levando-os a se tornarem sujeitos eclesiais. Por um lado, ela deve ser pensada como formação integral, focada não só em conteúdos doutrinários e teológicos, mas também em todas as dimensões constitutivas da existência humana, fundamentais para o testemunho da fé (SECRETARIA GERAL DO SÍNODO DOS BISPOS, n. 3k.l; 5k.p; 8d; 9p.r; 10j; 11e; 14a-f.k; 16p; 17e.g.j-l); por outro, a formação dos ministros ordenados é objeto de uma preocupação especial, sendo solicitada a revisão da *Ratio Fundamentalis*, documento que orienta a formação de padres e diáconos, e dadas sugestões para sua formação (SECRETARIA GERAL DO SÍNODO DOS BISPOS, n. 3j; 9p; 10j; 11c-f.j.l; 14g.i-l.n-o).

A reforma do Código de Direito Canônico também foi vista como necessária, para dar maior institucionalidade às várias iniciativas que surgiram da eclesiologia da *Lumen Gentium* (SECRETARIA GERAL DO SÍNODO DOS BISPOS, n. 1r, para as Igrejas orientais; 13d, para o exercício colegial do ministério papal; 19c.i.l, para maior valorização das Igrejas locais e sua efetiva implicação no exercício da colegialidade, para a valorização da província eclesiástica e a inclusão de bispos de ritos orientais nas Conferências de Bispos).

CONCLUSÃO

Alguns setores da grande mídia, interessados em veicular temas da Igreja, e os grupos eclesiais mais críticos – progressistas, conservadores ou tradicionalistas – repercutiram, sobretudo, os temas considerados mais sensíveis, como a ordenação de mulheres, o acesso

Bíblia Paulus

Fidelidade
aos originais.



“Foi a minha primeira Bíblia. Tenho ela desde 1995, tá velhinha já, capa caída, mas continuo com ela. Comprei outras novas pra mim e já fiz doação também.”



Depoimento de quem vive a experiência de ter uma de nossas Bíblias.

Vendas: (11) 3789-4000

08000-164011

paulus.com.br



ao presbiterato de homens casados, as novas composições familiares, muitas delas de pessoas do mesmo sexo. De fato, nos relatórios da escuta nas dioceses, nas sínteses das Conferências episcopais e da etapa continental, essas questões foram mais explicitadas, constituindo, no *Relatório de Síntese*, “questões abertas”, que demandam o discernimento eclesial, o qual, por sua vez, necessita “integrar, à luz da Palavra de Deus e do magistério, uma base informativa mais ampla e uma componente reflexiva mais articulada”. O texto aponta, ainda, a necessidade de aprofundar a relação entre amor e verdade, e recorda como Jesus, ao se encontrar com as pessoas, não partia de uma ideia, e sim de um amor que se traduzia em “justiça do Reino que muda a história”. Segundo o mesmo texto, a Igreja tem dificuldade de traduzir o modo de ser e de agir de Jesus em opções pastorais, por conta de sua “incapacidade de viver à altura do Evangelho”, o que só é possível por meio da “conversão, pessoal e comunitária”. Por isso, continua o texto, questões relacionadas com a “identidade de gênero e a orientação sexual, com o fim da vida, com as situações matrimoniais difíceis, com as problemáticas éticas ligadas à inteligência artificial, são controversas” na sociedade e na Igreja, pois “colocam questões novas”, que não encontram soluções nas categorias antropológicas elaboradas até então e necessitam, por isso, de tempo para serem examinadas (SECRETARIA GERAL DO SÍNODO DOS BISPOS, n. 15a.d-g).

Um tema importante, que vem sendo muito discutido na sociedade nos últimos anos e ganhou grande relevo no *Relatório de Síntese* (SECRETARIA GERAL DO SÍNODO DOS BISPOS, n. 17), é o do ambiente digital. Esse tema tornou-se recorrente em vários pronunciamentos do papa Francisco (SILVA; RODRIGUES, 2023; PEDROSA, 2023) e constitui, sem dúvida alguma, um dos maiores desafios para a sinodalidade, uma vez

“[O ambiente digital] constitui, sem dúvida alguma, um dos maiores desafios para a sinodalidade.”

que, além de aproximar pessoas, esse ambiente tem sido um dos grandes fatores de seu isolamento, criando “bolhas”, veiculando falsas informações, promovendo a polarização na sociedade e na Igreja. Nesse sentido, mereceria muito mais interesse e investimento da Igreja, para que suas potencialidades sejam postas a serviço do “caminhar juntos” e da evangelização, e ele seja ocupado com sabedoria pelos fiéis e pelos que nele testemunham a alegria do Evangelho. **VP**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRIGHENTI, A. Discernir a pastoral em tempos de crise. In: DE MORI, G. L. *Discernir a pastoral em tempos de crise: realidades, desafios, tarefas*. Contribuições do 1º Congresso Brasileiro de Teologia Pastoral. São Paulo: Paulinas, 2022. p. 27-53.
- FRANCISCO, Papa. *Discurso do santo padre Francisco na comemoração do cinquentenário da instituição do Sínodo dos Bispos*. [Vaticano]: Libreria Editrice Vaticana, 2015. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/october/documents/papa-francesco_20151017_50-anniversario-sinodo.html. Acesso em: 4 jan. 2024.
- FRANCISCO, Papa. *Episcopalis Communio: Constituição Apostólica sobre o Sínodo dos Bispos*. [Vaticano]: Libreria Editrice Vaticana, 2018. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_constitutions/documents/

papa-francesco_costituzione-ap_20180915_episcopalis-communio.html. Acesso em: 4 jan. 2024.

FRANCISCO, Papa. *Evangelii Gaudium*: Exortação Apostólica sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. [Vaticano]: Libreria Editrice Vaticana, 2013. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html. Acesso em: 3 jan. 2024.

FRANCISCO, Papa. *Fratelli Tutti*: Carta Encíclica sobre a fraternidade e a amizade social. [Vaticano]: Libreria Editrice Vaticana, 2020. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html. Acesso em: 3 jan. 2024.

PAULO VI, Papa. *Discurso no início dos trabalhos da I Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos*, 30 set. 1967. [Vaticano]: Libreria Editrice Vaticana, 1967. Disponível em: https://www.vatican.va/content/paul-vi/it/speeches/1967/september/documents/hf_p-vi_spe_19670930_inizio-lavori-sinodo.html. Acesso em: 4 jan. 2024.

PAULO VI, Papa. *Evangelii Nuntiandi*: Exortação Apostólica sobre a evangelização no mundo contemporâneo. [Vaticano]: Libreria Editrice Vaticana, 1967. Disponível em: https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19751208_evangelii-nuntiandi.html. Acesso em: 3 jan. 2024.

PEDROSA, M. Papa Francisco e a internet: lucidez e esperança na análise do mundo digital. *Annales FAJE*, v. 8, n. 3, p. 114-126, 2023.

SECRETARIA GERAL DO SÍNODO DOS BISPOS. *Relazione di Sintesi*. [Vaticano]: Libreria Editrice Vaticana, 2023. Disponível em: <https://press.vatican.va/content/salastampa/it/bollettino/pubblico/2023/10/28/0751/01653.html>. Acesso em: 6 jan. 2024.

SILVA, A. A. da; RODRIGUES, J. P. F. V. Comunicação e teologia em tempos de Francisco: um novo paradigma. *Annales FAJE*, v. 8, n. 3, p. 66-83, 2023.

Bíblias Paulus

Fidelidade aos originais.



“Foi minha primeira Bíblia, trazendo orientação e profundidade para o adolescente inquieto que eu era. Bendita minha querida avó que me deu a **Bíblia Pastoral** nos meus primeiros passos!”

Depoimento de quem vive a experiência de ter uma de nossas Bíblias.

Vendas: (11) 3789-4000

08000-164011

paulus.com.br



*João Décio Passos é livre-docente em Teologia pela PUC-SP. Professor no Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião na mesma universidade. Editor na Paulinas Editora.

OBSTÁCULO À SINODALIDADE

A sinodalidade brota da eclesiologia conciliar, levada adiante nas reformas implementadas pelo papa Francisco. O Concílio construiu novas formas de participação eclesial do episcopado (colegialidade) e dos cristãos e cristãs leigos (reconhecimento da autonomia de ação), mantendo, porém, um paralelismo entre as duas esferas. A sinodalidade poderá fecundar modos de participação que superem essa dicotomia.



“NO PROCESSO SINODAL, A ESFERA DA COMUNHÃO É A MAIS CONSENSUAL, POR SE TRATAR DA TEOLOGIA DA IGREJA EM SI MESMA E SER BEM FUNDAMENTADA.”

INTRODUÇÃO

A causa da sinodalidade, assumida pelo papa Francisco como pauta da “renovação inadiável da Igreja” (EG 27), encarna e traduz, em sua dinâmica, o princípio e, por conseguinte, as posturas mais radicais da programação reformadora em curso. A sinodalidade toca nas mentalidades, nas políticas e nas estruturas institucionais estabelecidas e, se levada a cabo, exige conversões individuais e mudanças institucionais. Toda reforma de uma instituição precisa resgatar as raízes desta para ser legítima e sustentável, do contrário será rejeitada como disruptiva e destruidora. Por essa razão, Francisco insiste na reforma da Igreja a partir do “coração do Evangelho” (EG 34). O caminho da sinodalidade, hoje assumido como desafio e tarefa de toda a Igreja, avança na direção do resgate da raiz da Igreja como comunidade de discípulos seguidores de Jesus Cristo: comunidade de comunhão e participação dos membros inseridos no mesmo corpo que reflete, em seu mistério e vivência, a comunhão trinitária dos iguais/distintos. Portanto, ao buscar a sinodalidade, a Igreja recria a si mesma a partir de seu fundamento último.

A sinodalidade afirma o princípio dos iguais/distintos como constitutivo da comunidade eclesial (comunhão) e avança na busca da tradução coerente da ação eclesial na história (missão) e da atuação dos fiéis no mesmo corpo eclesial (participação). No processo sinodal, a esfera da comunhão é a mais consensual, por se

tratar da teologia da Igreja em si mesma e ser bem fundamentada. A esfera da missão pode provocar ainda tensões internas, por relacionar a Igreja com a sociedade atual, e a esfera da participação será, por certo, a mais tensa, por trazer consigo uma dinâmica de transformação dos mecanismos de ação (e de poder) institucionalizados na Igreja. É o ponto em que a busca dos meios concretos de participação dos fiéis na Igreja pode chocar-se com os papéis teologicamente fundamentados e as funções legalmente instituídas. Na cultura da estabilidade que persiste na Igreja, o fundamento da comunhão permanecerá válido se não cobrar traduções que exijam conversão e mudanças na estrutura e no funcionamento do corpo hierarquicamente instituído. Aqui reside o obstáculo fundamental à sinodalidade eclesial.

A eclesiologia conciliar lançou as bases para a perspectiva e a prática sinodais, embora tenha preservado intacta a estrutura organizacional da Igreja. O processo sinodal em curso depara com o desafio de ir além do discurso eclesiológico centrado no sujeito eclesial povo de Deus e construir novos modos de relação entre os membros que compõem o mesmo corpo eclesial.

1. OS DESAFIOS DA HERANÇA ECLESIAL DO VATICANO II

A sinodalidade é um elemento eclesiológico fundamental, porém esquecido pela Igreja latina – não tanto por razões teóricas (teológicas), e sim por razões

político-estruturais, na medida em que a Igreja se institucionalizou e se consolidou como poder sagrado (*potestas*) hierarquicamente estruturado. A teologia do poder sagrado (hierárquico e centralizado), estranha ao Evangelho, foi adotada como doutrina e dispensou outras teologias que afirmassem a igualdade dos fiéis. No esforço de retornar às fontes, o Vaticano II resgatou essas teologias, deixando um germe fecundo que alimentou as eclesiologias posteriores. Velasco fala de uma virada copernicana operada pelo Concílio (1996, p. 241-254); da passagem de uma percepção/consciência eclesial centrada na diferença estruturada hierarquicamente para uma percepção/consciência centrada na igualdade da comunidade eclesial. Ao responder à pergunta: “Em que o Vaticano II mudou a Igreja?”, Brighenti (2016) enumera quinze deslocamentos que reconfiguraram a imagem e a autocompreensão da Igreja – centrada em si mesma e oposta ao mundo e às outras religiões – e mostra como cada um deles produziu precisamente seu oposto em se tratando de visão e de prática eclesiais. Em termos teológicos, o Vaticano II construiu, de fato, uma nova Igreja. Contudo, a teologia da Igreja oferecida pelo Concílio desencadeou um processo de renovação que ainda não foi concluído e tem sido levado adiante no atual pontificado.

A passagem de uma percepção eclesial hierárquica (poder sagrado centralizado e descendente, separação essencial entre clérigos e cristãos leigos) para uma percepção de igualdade (corpo místico de iguais/distintos, comunhão e povo de Deus) ofereceu referências para a renovação da mentalidade eclesial (da cultura eclesial), porém não conheceu imediatamente suas traduções políticas (na esfera do consenso entre os diversos sujeitos eclesiais) e

Bíblias Paulus

Fidelidade
aos originais.



“Minha primeira Bíblia e que me acompanha na Caminhada até hoje. Sou muito grato por alimentar a nossa fé no seguimento do Senhor Jesus. Que a paz, a caridade e o amor sejam sempre o nosso horizonte. **Viva a Paulus e a Bíblia Pastoral** por fazerem tanto bem ao povo de Deus.”

Depoimento de quem
vive a experiência
de ter uma de
nossas Bíblias.

Vendas: (11) 3789-4000

08000-164011

paulus.com.br

“A TEOLOGIA DA IGREJA OFERECIDA PELO CONCÍLIO DESENCADEOU UM PROCESSO DE RENOVAÇÃO QUE AINDA NÃO FOI CONCLUÍDO E TEM SIDO LEVADO ADIANTE NO ATUAL PONTIFICADO.”



institucionais (mudanças na estrutura e no funcionamento eclesiais). A eclesiologia conciliar conviveu com a mesma estrutura organizacional e funcional pré-conciliar, baseada nos papéis hierárquicos, centralizados e clericais.

Não obstante esse paradoxo real, a eclesiologia conciliar terá produzido algum resultado institucional concreto? Podem ser localizados dois resultados em duas esferas distintas e separadas no conjunto do corpo eclesial: a colegialidade episcopal e a participação dos sujeitos leigos na Igreja.

a) A colegialidade

A primeira tradução da eclesiologia conciliar introduz o princípio da participação no topo da hierarquia eclesial, acomodando, de forma renovada, a figura do papa, que permanece como supremo pontífice, com os bispos, reconhecidos em seu ministério como sucessores dos apóstolos. O capítulo III da constituição *Lumen Gentium* inverteu a percepção anterior – na qual o papa era o centro e em seu entorno gravitavam os bispos –, ao inserir o ministério petrino dentro da teologia mais ampla do episcopado. Os números 19 a 27 oferecem a base teológica da colegialidade. O resgate da instituição do Sínodo dos Bispos por São Paulo VI antecipava a tradução da colegialidade antes da conclusão dos trabalhos conciliares, em 15 de setembro de

1965. As organizações locais dos episcopados já se encontravam em andamento antes mesmo do Concílio e, desde então, foram, de algum modo, outra forma de traduzir a colegialidade episcopal local, embora em um clima de desconfiança e controle por parte de Roma, como nos casos das Conferências do Episcopado Latino-americano.

b) A missão dos cristãos e cristãs leigos

A segunda tradução acolhe a presença e a missão dos cristãos leigos na Igreja (capítulo IV da *Lumen Gentium* e decreto *Apostolicam Actuositatem*). O decreto afirma o direito e o dever dos cristãos leigos de agir, bem como sua função própria (AA 25). As associações laicais são acolhidas como iniciativas legítimas e necessárias na Igreja (AA 18). O(A) cristã(o) leigo(a) é, de fato, entendido como um sujeito eclesial (individual e coletivo), sustentado, sobretudo, como a presença ativa da Igreja no mundo e como um executor de tarefas pastorais (em associações e movimentos) dentro da Igreja. O Vaticano II não ofereceu novo desenho eclesial e eclesiástico (ou uma regra nova) que garantisse aos cristãos leigos protagonismo nos espaços eclesiais decisórios.

Pode-se dizer com segurança que essas duas revisões conciliares criaram e configuraram novas dinâmicas de participação no topo da hierarquia (colegialidade episcopal) e fora dela (na esfera laical),

ainda que assimiladas pelo esquema mental pré-conciliar que separa os fiéis em duas condições radicalmente distintas: os clérigos e os cristãos leigos. Essas novas dinâmicas de participação eclesial permaneceram, portanto, separadas pela própria dinâmica autossuficiente das funções hierárquicas que não necessitam dos cristãos e cristãs leigos para seu funcionamento. Depois do Vaticano II, a maior participação do episcopado e a dos cristãos leigos em suas respectivas esferas permaneceram separadas e distantes, sem se fecundarem mutuamente no conjunto do corpo eclesial, ou seja, em sua estrutura organizacional e funcional. As recepções eclesiais do *aggiornamento* não criaram mecanismos que permitissem superar essa distinção milenar de funções inseridas na perspectiva de fundo do poder sagrado.

A história dessa dicotomia acompanhou a Igreja de vários modos nas décadas que se seguiram à conclusão do Concílio, na forma de concessão da hierarquia à participação laical em espaços eclesiais (nas assembleias e nos conselhos, nas CEBs, nas pastorais populares etc.), na forma de certo paralelismo (com os leigos exercendo sua autonomia relativa em movimentos, associações e organizações) ou de controle (quando a hierarquia entendeu que devia tutelar diretamente a participação laical). Ensaios positivos de participação/comunhão foram realizados na América Latina, como no caso dos Encontros Intereclesiais das CEBs, das assembleias dos organismos do povo de Deus e, mais recentemente, da Assembleia Eclesial da América Latina e Caribe convocada pelo papa Francisco (SANCHEZ, 2022).

Em suma, o Vaticano II não gerou uma organização eclesial capaz de traduzir, de modo coerente, sua eclesiologia, edificada sobre a igualdade fundamental do povo de

Bíblia Paulus

Fidelidade
aos originais.



“A Edição Pastoral tem sido minha fiel companheira desde a catequese! Quem não a conhece ou nunca teve, recomendo!”



Depoimento de quem vive a experiência de ter uma de nossas Bíblias.

Vendas: (11) 3789-4000

08000-164011

paulus.com.br

“A SINODALIDADE, ENTENDIDA COMO PRINCÍPIO, POSTURA, MÉTODO E ORGANIZAÇÃO ECLESIAIS, PODE SER ENTENDIDA COMO PROPULSORA DE NOVO MODO DE SER IGREJA.”



Deus. A Igreja permaneceu com espírito novo em corpo velho: mais laical, porém clerical; mais povo de Deus, porém hierárquica; mais participativa, porém centralizada; mais local, porém sob o controle central da Cúria romana; mais colegiada, porém sob os controles curiais; mais servidora, porém estruturada nos poderes hierárquicos; mais ecumênica e dialogal, porém autorreferenciada em seu próprio sistema. A sinodalidade, entendida como princípio, postura, método e organização eclesiais, pode ser entendida como propulsora de novo modo de ser Igreja que tira as consequências das mudanças eclesiológicas conciliares.

A sinodalidade depara-se, ainda, com algumas hegemonias constituídas na longa temporalidade da Igreja que, por se apresentarem como normais, dificultam as mudanças eclesiais: a) hegemonia da Igreja latina sobre as Igrejas orientais; b) hegemonia de uma Igreja universal sobre as Igrejas locais; c) hegemonia da unidade sobre as diversidades; d) hegemonia do clericalismo sobre a participação laical; e) hegemonia do ordenamento canônico sobre a vivacidade e a criatividade pastoral.

Não bastarão boas reflexões para que essa ambiguidade eclesial possa ser superada de alguma forma ou ao menos

parcialmente. As resistências institucionais do clericalismo estrutural, teologicamente fundamentado e canonicamente estabelecido, acontecerão inevitavelmente, à medida que os apelos e sugestões de mecanismos e estruturas eclesiais mais sinodais forem feitos na assembleia sinodal.

2. A SINODALIDADE COMO TRADUÇÃO DA COMUNHÃO/ PARTICIPAÇÃO DO POVO DE DEUS

O espírito (o valor e as posturas) e a prática (a participação efetiva dos fiéis) da sinodalidade significam o ponto de chegada das intuições profundas da eclesiologia conciliar. Como observa Scannone, o papa Francisco estaria levando adiante “a agenda inacabada do Vaticano II” (2019, p. 185). A Igreja edificada sobre a comunhão dos iguais constitui a base teológica a partir da qual as mudanças são almejadas e buscadas no processo sinodal. As dicotomias e as hegemonias assentadas na longa temporalidade e na rigidez doutrinal entrarão naturalmente em ação, em nome de uma tradição e de uma verdade imutáveis a serem preservadas. A sinodalidade será compreendida por essa consciência conservadora como um perigo à autenticidade da Igreja, e não faltarão argumentos que insinuem até

mesmo seu conteúdo herético, como no caso das *Dúvidas* dos cardeais de 11 de julho de 2023 (*Dubia 3*).¹

A sinodalidade deve, portanto, ser situada teologicamente na sequência *Lumen Gentium–Evangelii Gaudium*, de onde a perspectiva da Igreja povo de Deus emerge, toma forma sempre mais nítida e lança os desafios de suas traduções pastorais e institucionais. Essa eclesiologia encontrou um lugar fecundo na América Latina e aí construiu as condições históricas e teológicas para afirmar que o povo de Deus é o sujeito eclesial fundamental e deve ser considerado como sujeito de direito a uma participação eclesial mais efetiva. Para os que permaneceram no imaginário e na prática da Igreja definida como hierarquia, essa perspectiva soa como ruptura com a longa tradição. As saídas das dicotomias e hegemonias podem apontar para quatro direções: a) a negação da sinodalidade como heterodoxia e heresia; b) a afirmação da sinodalidade como uma ideia teológica correta, sem qualquer tradução funcional ou institucional no corpo eclesial; c) a assimilação parcial e superficial da sinodalidade no corpo hierárquico e clerical, que permanecerá substancialmente o mesmo; d) a busca de um processo de participação eclesial que implica mudanças (conversão) dos modelos centralizados e concentrados de ministérios clericais e laicais.

A sinodalidade indica ser a estratégia mais global e radical da reforma da Igreja que se encontra em curso, quando o princípio da comunhão/participação poderá impactar as posturas clericais e a própria estrutura eclesiástica. É de prever que a postura da assimilação parcial e superficial seja adotada como rumo e eixo do

1 Cf. https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_risposta-dubia-2023_po.html. Acesso em: 8 fev. 2024.

Bíblia Paulus

Fidelidade
aos originais.



“Essa **Bíblia** tem acompanhado todo o meu ministério pastoral e tive as melhores referências pastorais e exegéticas a partir dela.”

Depoimento de quem vive a experiência de ter uma de nossas Bíblias.

Vendas: (11) 3789-4000

08000-164011

paulus.com.br

“NÃO INTERESSA À
POSTURA CLERICALISTA
ESTRUTURALMENTE
INSTALADA NO CORPO
ECLESIAL ADOTAR
MUDANÇAS QUE
EXIJAM REVISÃO DE
VIDA, DE ESTRUTURAS E
DE FUNÇÕES.”

Sínodo que terá como desfecho a sessão de outubro do corrente ano. A superação da dicotomia, mantida após o Concílio, entre participação episcopal (colegialidade) e participação laical (na sua esfera específica) encontra na sinodalidade a força propulsora de uma colegialidade mais universalizada, capaz de criar mecanismos de participação do povo de Deus, para além dos isolamentos entre clérigos e cristãos e cristãs leigos. Tal tarefa é um desafio à conversão e à criatividade eclesiais, sobretudo na atual conjuntura eclesial-política em que avançam segmentos tradicionais e tradicionalistas que renegam toda mudança como desnecessária e perigosa para a Igreja (PASSOS, 2023, p. 85–98). O Sínodo não conta com modelos prontos para desenhar mecanismos e regras de participação do povo de Deus na vida da Igreja; terá de criá-los no Espírito renovador que sopra, na Igreja, a sensibilidade, a ousadia e a criatividade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os possíveis obstáculos à sinodalidade não são tão somente de natureza política, advindos da dificuldade de construir novos consensos sobre a comunhão/participação eclesiais entre os sujeitos sinodais, os quais, segundo as regras atuais, estão posicionados de modo simétrico na assembleia; esses obstáculos estão postos pela própria estrutura eclesial católica, que distingue, canônica e teologicamente, clérigos e cristãos leigos. Essa estrutura tende a permanecer como expressão das origens da própria Igreja fundada por Jesus Cristo. A renovação dessa consciência eclesial tradicional exige voltar às fontes e delas retirar os elementos teológicos que fundamentam e justificam as renovações capazes de superar as práticas centralizadas de poder.

A sinodalidade não constitui, portanto, uma ideia ou um projeto neutros, do ponto de vista eclesial (por conseguinte, político e teológico). Ao contrário, conta com pré-noções eclesiais que resistem ao seu conteúdo reformador, o qual exige conversões pessoais e estruturais na Igreja. As posturas tradicionalistas implícitas ou explícitas dentro da Igreja tenderão a rejeitar as potenciais mudanças inerentes ao projeto sinodal em andamento e lançarão mão de teologias e estratégias canônicas e pastorais que promovam as adaptações sem mudanças. Não interessa à postura clericalista estruturalmente instalada no corpo eclesial adotar mudanças que exijam revisão de vida, de estruturas e de funções. As reações às reformas implementadas pelo papa Francisco têm demonstrado a força da inércia no conjunto da Igreja, quando o princípio da conservação se sobrepõe à renovação, ainda que sob o signo da fidelidade ao Santo Padre e do *ethos* da comunhão eclesial.

A sinodalidade poderá ser uma questão – uma ideia, um princípio e um apelo – que, retirada da eclesiologia cristã

neotestamentária, do *aggiornamento* conciliar e da programação reformadora central no magistério papal atual, seja capaz de levar a renovação da Igreja ao seu ponto de inflexão: a superação do clericalismo, que separa os investidos de poder sagrado dos demais fiéis. Ainda que o Sínodo não ofereça soluções globais e radicais para essa contradição, poderá desencadear processos que mantenham acesa a chama da conversão eclesial à efetiva comunhão e participação do povo de Deus na vida eclesial. **vp**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRIGHENTI, Agenor. *Em que o Vaticano II mudou a Igreja?* São Paulo: Paulinas, 2016.
- FRANCISCO, Papa. *Evangelii Gaudium*: Exortação Apostólica sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulinas, 2013.
- PASSOS, João D. *Obstáculos à sinodalidade*: entre a preservação e a renovação. São Paulo: Paulinas, 2023.
- SANCHEZ, Wagner L. *Primeira Assembleia Eclesial da América Latina e Caribe*. São Paulo: Paulinas, 2022.
- SCANNONE, Juan C. *A teologia do povo*: raízes teológicas do papa Francisco. São Paulo: Paulinas, 2019.
- VELASCO, Rufino. *A Igreja de Jesus*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- VIER, Frederico (Coord.). *Compêndio do Concílio Vaticano II*. Petrópolis: Vozes, 1986.

Bíblia Paulus

Fidelidade
aos originais.



Bíblia de fácil
entendimento,
atualizada e
acessível como
precisa ser...
**Parabéns,
Paulus e Bíblia
Pastoral!!**



Depoimento de quem
vive a experiência
de ter uma de
nossas Bíblias.

Vendas: (11) 3789-4000

08000-164011

paulus.com.br



Francisco, as juventudes e o Sínodo sobre a sinodalidade

*Os passos para a verdadeira sinodalidade
passam por garantir a participação efetiva
e afetiva das juventudes das nossas
comunidades em todos os temas
e processos da vida eclesial.*

*Francisco Antonio Crisóstomo de Oliveira (Thiesco Crisóstomo) é cristão leigo, casado com a Bianca e pai da Lívia. Possui graduação em Sistemas de Informação (UFPA) e em Ciências Sociais (Unifesspa) e pós-graduação em Juventude no Mundo Contemporâneo pela Faculdade Jesuíta (Faje) de Belo Horizonte-MG. Entre 2011 e 2014, foi secretário nacional da Pastoral da Juventude e membro da Ampliada Nacional das CEBs entre 2010 e 2018. Foi assessor/formador do Ipar (Instituto de Pastoral Regional) Norte 2 entre 2016 e 2018. Compôs a Equipe de Comunicação e Articulação da Coordenação Nacional da Pastoral da Criança entre 2018 e 2021 e a Comissão Regional de Assessores da PJ Sul 2. Atualmente é pastoralista no Colégio Vicentino Virgem Poderosa, em São Paulo-SP, e membro da equipe do Iser Assessoria. *E-mail:* thiesco@gmail.com

INTRODUÇÃO

A sinodalidade é um princípio fundamental da Igreja católica, presente desde seus primeiros séculos. A tradição remonta ao Concílio de Jerusalém, citado nos Atos dos Apóstolos, seguido de diversos outros ao longo da história da Igreja. Os concílios têm como princípio justamente a sinodalidade entre os bispos.

No século XX, o papa São João XXIII convocou o Concílio Vaticano II, grande evento de renovação da Igreja católica. O Vaticano II reafirmou a importância da sinodalidade e estabeleceu novas estruturas para promover a participação de todos os membros da Igreja.

1. FRANCISCO E O DESEJO DE TODA A IGREJA “CAMINHAR JUNTO”

Quando Francisco inicia seu pontificado, inaugura novas perspectivas de pastoreio e retoma questões muito importantes para a Igreja no mundo. Francisco tem sido forte defensor da sinodalidade. A prova disso é

que, desde 2018, os Sínodos dos Bispos (assembleias gerais ordinárias ou especiais) contaram com temáticas de grande relevância para todo o povo de Deus.

A sinodalidade é um processo em constante evolução. Os Sínodos sob Francisco têm demonstrado essa evolução e criatividade para favorecer, cada vez mais, a participação de todo o povo de Deus na reflexão e tomada de decisões no que se refere à Igreja. Ela é uma forma de a Igreja católica se adaptar às mudanças da sociedade e responder aos desafios do mundo atual.

Em 2018, a 14ª Assembleia Geral Ordinária tratou do tema: “A vocação e missão da família na Igreja e no mundo contemporâneo” e deu origem à Exortação Apostólica *Amoris Laetitia*. Em 2019, Francisco traz para a 15ª Assembleia Geral Ordinária a importante temática da evangelização das juventudes: “Jovens, fé e discernimento vocacional”. Esse sínodo teve uma novidade: além de contar com



“A proposta de sinodalidade do papa Francisco é um desafio para a Igreja católica. Ela exige uma mudança de mentalidade e de cultura.”

os instrumentos de consulta enviados às dioceses, teve a participação dos jovens, por meio das redes sociais, em consultas e diálogos, o que culminou com uma pré- assembleia em Roma, com a presença de jovens do mundo inteiro. Desse sínodo saiu a exortação *Christus Vivit*. Em 2019, talvez tenha havido a grande transformação sinodal, com a Assembleia Especial para a Amazônia: “Novos caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral”, que construiu processos de escuta e partilha nos territórios amazônicos sobre a realidade que implica todas e todos nós. Desse sínodo nasceu a exortação *Querida Amazônia*.

Em 2021, o papa Francisco convocou um Sínodo para a Igreja universal, com o tema “Por uma Igreja sinodal: comunhão, participação e missão”. Esse sínodo, ainda em curso, constitui um processo de escuta e discernimento que tem procurado envolver todos os membros da Igreja, de todo o mundo.

A proposta de sinodalidade do papa Francisco é um desafio para a Igreja católica. Ela exige uma mudança de mentalidade e de cultura. Contudo, é também uma oportunidade de renovação e de fortalecimento da Igreja, porque, entre outras coisas:

- promove a participação de todos os membros da Igreja, o que é essencial para uma Igreja mais democrática e inclusiva;
- ajuda a Igreja a discernir a vontade de Deus, o que é essencial para uma Igreja mais fiel ao Evangelho;

- fortalece a unidade da Igreja, o que é essencial para uma Igreja mais eficaz na evangelização.

A sinodalidade é um caminho necessário para a Igreja do século XXI. O mundo de hoje é complexo e plural. A Igreja precisa ser sinodal, aberta e acolhedora, para poder responder aos desafios deste mundo e continuar sendo sinal vivo do Evangelho de Jesus. Francisco sabe disso. Por isso tem insistido em nos provocar, para que também nós creiamos que o caminho a ser percorrido passa pela sinodalidade, em que todos os membros da Igreja têm voz e participação ativa na sua vida e missão.

Aqui estão alguns exemplos concretos de como a sinodalidade pode ser aplicada no cotidiano das nossas comunidades, paróquias, dioceses e em toda a Igreja:

- escutar a voz de todos os membros da Igreja, incluindo os cristãos leigos jovens, mulheres, pobres e marginalizados;
- incentivar a participação ativa de todos os membros da Igreja nas decisões eclesiais;
- promover a colaboração entre os diferentes níveis eclesiais.

2. A TRADIÇÃO LATINO-AMERICANA DE DIÁLOGO E VALORIZAÇÃO DOS JOVENS NA IGREJA

Ao longo dos anos, a Igreja na América Latina já se pronunciou diversas vezes sobre a juventude. Na Conferência de

Medellín (1968), por exemplo, foi afirmado que muitos jovens não se consideram integrantes da Igreja por não terem sido chamados à plena participação na comunidade eclesial. Já na Conferência de Puebla (1979), a Igreja fez a “opção preferencial pelos jovens” e afirmou que “confia neles e que eles são a sua esperança”. Em Aparecida (2007), a Igreja foi chamada a estimular a pastoral dos adolescentes, com suas próprias características, e a reconhecer que os jovens e adolescentes constituem a grande maioria da população da América Latina e do Caribe e representam enorme potencial para o presente e o futuro da Igreja e de nossos povos, como discípulos missionários (LISBOA, 2022).

A América Latina tem vasta experiência no trabalho com as juventudes. Com base nas conferências citadas acima, mas também em outros documentos do Celam que tratam sobre a evangelização das juventudes, é possível propor uma ação articulada, com metodologias que favoreçam o protagonismo e a autonomia dos jovens no processo de educação na fé.

Também o Brasil tem construído importantes processos relativos à proposta de fazer da comunidade eclesial um lugar para as juventudes. Desde a Ação Católica, das pastorais da juventude do Brasil, da interface e diálogo com movimentos eclesiais e congregações religiosas, a CNBB, em seu documento mais importante e atual, o Documento 85, propõe que as juventudes não só sejam mão de obra para as tarefas subalternas nas comunidades, mas também, a partir de seus processos e de seus lugares vitais, encontrem nas comunidades o lugar privilegiado do seguimento da pessoa e do projeto de Jesus Cristo.

Mais recentemente, na Exortação Apostólica *Christus Vivit* (2019), o papa Francisco convida os jovens a levar o anúncio

Caminhar juntos

Reflexão e ação após o Sínodo dos Bispos sobre os jovens

Filipe Alves Domingues (org.)



136 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

**CONFIRA
VERSÃO
E-BOOK**

O Sínodo dos Bispos de 2018 sobre os jovens contou com a participação de muitos brasileiros. Na obra estão reunidos seus aprendizados e propostas, como forma de ajudar as Igrejas locais a colocar em prática as conclusões do evento.

Vendas: (11) 3789-4000
08000-164011

paulus.com.br

“Francisco compreende que o caminho latino-americano de evangelização das juventudes pode colaborar fortemente com a Igreja no mundo.”



missionário aos locais onde se encontram e às pessoas com quem convivem, incluindo quem parece mais distante e indiferente.

3. AS JUVENTUDES E OS CAMINHOS DE SINODALIDADE NA VISÃO DE FRANCISCO

Francisco é latino-americano. Ele bebe de toda a fonte que jorra de Medellín e Puebla. É o grande sistematizador de Aparecida. Francisco compreende que o caminho latino-americano de evangelização das juventudes pode colaborar fortemente com a Igreja no mundo. Mais ainda: os processos desencadeados, ao longo dos anos, nas pastorais das juventudes na América Latina e Caribe são sinais visíveis e concretos da sinodalidade entre os jovens e entre os adultos que os acompanham.

Por isso, em seus escritos, Francisco transmite também um pouco dessa experiência. Na *Christus Vivit*, destaca o papel fundamental dos jovens na Igreja e na sociedade, enfatizando que os jovens não são apenas o futuro, mas também o presente da Igreja e do mundo. Ele encoraja os jovens a serem protagonistas da mudança, a se envolverem ativamente na construção de um mundo mais justo e fraterno, a serem testemunhas do Evangelho em todos os lugares, com a própria vida (*Christus Vivit*, n. 175). O papa também ressalta a importância da participação dos jovens na promoção da justiça, na luta pelos direitos dos mais vulneráveis e na construção de

uma cultura do encontro e da solidariedade (*Christus Vivit*, n. 170 e 171). Além disso, ele destaca a necessidade de a Igreja estar atenta aos sinais dos tempos e de criar mais espaços onde ressoe a voz dos jovens, reconhecendo sua capacidade de renovar e de partir para novas conquistas (*Christus Vivit*, n. 37).

Já no *Relatório de Síntese* da 16ª Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, os participantes reconhecem os jovens como portadores de dons e fragilidades, destacando seu papel crucial na vida e na missão da Igreja. Eles são chamados a testemunhar Jesus Cristo na vida cotidiana e a partilhar explicitamente a fé com os outros, refletindo a importância de sua participação ativa na comunidade eclesial (ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS, 16, p. 20). Além disso, o *Relatório* enfatiza a necessidade de procurar novos modos de envolver os jovens e fornecer-lhes formação e catequese, especialmente considerando a influência dos espaços *on-line* (ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS, 16, p. 38). Esse reconhecimento reflete o compromisso de apoiar o crescimento espiritual dos jovens e promover sua participação significativa na vida da Igreja.

Todas aquelas provocações feitas por Francisco já em 2019 servem muito bem para todo o processo sinodal que estamos vivenciando atualmente, num cenário de

reorganização social pós-pandemia e – por que não dizer também – de reorganização eclesial, no qual as paróquias precisam apresentar-se novamente como a casa que acolhe a “todos, todos, todos”, como bem tem enfatizado Francisco em seus últimos discursos.

Uma questão importante, com relação aos processos desencadeados pelos Sínodos sob Francisco, é se realmente, nas bases, nas comunidades, eles têm surtido o efeito desejado. Parece-me que há avanços, mas estamos ainda longe de realizar minimamente aquilo que nossos documentos e mesmo os mais fervorosos discursos de Francisco nos apresentam como caminho. É evidente que a Igreja tem suas estruturas e seu tempo. Contudo, também é evidente que ela, se quer ser sinal do Reino, precisa se abrir de fato ao *aggiornamento* proposto pelo Vaticano II, o qual está sendo levado a cabo por Francisco.

Talvez um bom medidor seja fazer perguntas. Um bispo aqui do Brasil deu um bom caminho das perguntas a serem feitas: dom Luiz Fernando Lisboa, bispo de Cachoeiro de Itapemirim-ES, num artigo de setembro de 2022, refletindo sobre o papel dos jovens nos processos da Assembleia Eclesial Latino-americana, que também tinha a sinodalidade como centro da reflexão, a certa altura nos provoca com perguntas fundamentais para enxergarmos se os jovens realmente ganharam maior espaço nas nossas comunidades. Tomo a liberdade de reproduzi-las abaixo:

Algumas perguntas para ajudar na nossa reflexão: Quantos jovens há nos nossos conselhos de pastoral comunitário, paroquial e diocesano? Como cuidamos da formação da juventude? Qual o acompanhamento que se dá aos nossos crismandos e crismados? Por que a maioria abandona a Igreja? Qual a

Vida consagrada

Uma opção de amor

Manoel Gomes Filho



MANOEL GOMES FILHO, SSP

VIDA CONSAGRADA
Uma opção de amor



176 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

A obra traz uma pesquisa histórica sobre os primórdios da vida consagrada: Como nasceu? Em que contexto? O que buscava? Reflete sobre valores essenciais em todas as formas de vida religiosa.

Vendas: (11) 3789-4000
08000-164011

paulus.com.br

relação e o trabalho conjunto entre a PJ e a catequese crismal? Qual a importância que damos ao acompanhamento dos adolescentes em geral? Em que medida envolvemos a juventude em nossas ações missionárias? Qual o conhecimento que oferecemos sobre a Doutrina Social da Igreja, já que eles são tão sensíveis a esta temática? Quais espaços são oferecidos ou conquistados pela juventude na Igreja? Como são acolhidos, acompanhados e orientados os movimentos juvenis? Qual a ligação dos movimentos juvenis com a Pastoral da Juventude e com a Pastoral de Conjunto? O que nos falta fazer para esta integração?

Ainda: Como é a formação nos nossos seminários? Por que muitos padres jovens não querem trabalhar com a juventude? Por que há tão poucos padres, religiosas, religiosos, leigos e leigas especializando-se em pastoral juvenil? Por que os bispos não enviam de cada diocese ao menos três ou quatro pessoas para se especializarem em pastoral juvenil? Onde estão no Brasil e na América Latina os centros especializados em pastoral juvenil? (LISBOA, 2022).

Essas perguntas deveriam estar na pauta do dia quando formos debater a participação das juventudes em todos os âmbitos da evangelização. Nesse sentido, urge que a comunidade eclesial olhe para as juventudes que estão em seu seio, mas também em seu entorno, e proporcione espaços de diálogo e de ação.

É fundamental também construirmos cada vez mais espaços de escuta para as juventudes. Os Sínodos sob Francisco têm, a cada novo processo, inaugurado bonitas e interessantes propostas. Sem dúvida, o Sínodo para a Amazônia, com todo

aquele processo de ida aos territórios, não só para escutar, mas também para conhecer e se reconhecer Igreja nesses lugares, deve servir de horizonte metodológico para que, a cada novo ciclo, novos processos, ainda mais participativos, possam ser descobertos e implementados. Não é uma tarefa fácil. “Caminhar juntos”, de fato, sem deixar ninguém à beira do caminho, requer paciência, criatividade e muita ousadia. E nisso as juventudes são mestras!

vp

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS, 16. *Relatório de Síntese: uma Igreja sinodal em missão*. Disponível em: <https://www.uisg.org/pt/news/Relazione-di-Sintesi-della-XVI-Assemblea-Generale-Ordinaria-del-Sinodo-dei-Vescovi>. Acesso em: 22 nov. 2023.
- CNBB. *Evangelização da juventude: desafios e perspectivas pastorais*. São Paulo: Paulinas, 2010. (Documento 85).
- CNBB. *Marco referencial da Pastoral da Juventude do Brasil*. Brasília, DF: Edições CNBB, 2007. (Documento 76).
- FRANCISCO, Papa. *Christus Vivit*: Exortação Apostólica Pós-sinodal aos jovens e a todo o povo de Deus, 25 mar. 2019. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20190325_christus-vivit.html. Acesso em: 1 dez. 2023.
- LISBOA, Luiz F. Sinodalidade e missão: lugar das jovens e dos jovens. *CNBB*, 26 set. 2022. Disponível em: <https://www.cnbb.org.br/dom-fernando-lisboa-sinodalidade-e-missao-jovens/>. Acesso em: 1 dez. 2023.

ROTEIROS HOMILÉTICOS

Pe. Marcus Mareano*



Acesse também o programa
Palavra Viva pelo QR code
ao lado.

Cada um dos roteiros está acompanhado de códigos QR  que remetem para as plataformas digitais de músicas  Spotify e  YouTube Music e trazem sugestões de cantos para a respectiva celebração. Ouça os álbuns Paulus, de forma gratuita, nas principais plataformas de *streaming*.

14º DOMINGO DO TEMPO COMUM
7 de julho



Movidos pela força de Deus

I. INTRODUÇÃO GERAL

Quem nunca desanimou na caminhada de fé? Quem já olhou para os desafios e pensou que seriam grandes demais? Quantas vezes quisemos desistir ou voltar atrás? Em meio a essas questões e sentimentos, experimentamos a força do Espírito Santo, que nos leva adiante e não nos deixa desistir do seguimento de Jesus.

Na liturgia deste domingo, Deus chama pessoas para serem testemunhas, no mundo, do seu projeto de salvação. Ele se mostra através das fraquezas e fragilidades humanas, ensinando que a ação dele é maior e realiza mais do que se possa imaginar.

O texto da primeira leitura apresenta um trecho da vocação de Ezequiel, chamado a profetizar no período do exílio do povo de Israel na Babilônia. Era um tempo desafiador, um povo difícil e uma tarefa enorme de ser a voz de Deus para aquelas circunstâncias de desesperança e desolação.

De igual modo, as dificuldades encontradas por Paulo em sua missão evangelizadora fazem-nos pensar como Deus sustenta seus escolhidos. Ele narra com sinceridade, na segunda leitura, a realidade desse chamado divino, feito não só de bons momentos ou muitos sucessos, mas também de ocasiões em que Deus guia para além das capacidades humanas. A fragilidade humana é assumida e se torna experiência da força de Deus.

No Evangelho, Jesus volta ao seu lugar de origem, Nazaré. Ele já percorrera muitos vilarejos nos arredores e se tornara conhecido por sua pregação. Diante dele, alguns se admiravam do que fazia e outros questionavam sua origem e como seria capaz de tanto. Ele não realizou muito por lá devido à incredulidade das pessoas, tampouco desistiu de sua missão pelo descrédito recebido. Continuou percorrendo os povoados da região (Mc 6,6).

Ouvindo e imaginando esses personagens bíblicos de diferentes contextos, pensamos também em nosso chamado. Os momentos difíceis não são para nossa desistência, e sim para o exercício de maior confiança na força de Deus do que nas próprias. Ele, que nos chama, também nos faz capazes de perseverar até o fim.

* Pe. Marcus Mareano é presbítero da arquidiocese de Belo Horizonte, doutor em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (Faje) e pela Universidade Católica de Lovaina (KU Leuven). Professor de Bíblia em alguns seminários. No momento, desenvolve uma pesquisa de pós-doutorado na Universidade Católica de Lovaina (KU Leuven).

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Ez 2,2-5)

A profecia de Ezequiel se desenvolve após a incursão de Nabucodonosor, rei da Babilônia, em 597 a.C., na qual levou ao cativeiro muitas pessoas, entre as quais o rei Jeconias e o próprio profeta, que era sacerdote (Ez 1,1-3).

O livro contém visões do profeta que falam ao povo de Judá a respeito da condição de vida em uma terra estrangeira. No início (Ez 1,1-3,21), a visão descreve a vocação do profeta como quem deve falar, em nome de Deus, às pessoas. O trecho da leitura deste domingo se encontra nessa seção inicial.

Ezequiel narra que o Espírito de Deus o colocou de pé (v. 2) – sinal de prontidão e disposição – para ouvir e, conseqüentemente, comunicar o que ele estava acolhendo. Em seguida, Deus fala a respeito da missão do profeta e explica quais são as características dos destinatários das palavras da sua profecia: nação de rebeldes, desobedientes, revoltados, face dura, coração obstinado e indóceis a Deus (v. 3-4). Mesmo que o povo não escute o profeta, deverá saber que houve alguém entre eles anunciando a Palavra de Deus (v. 5).

Essa passagem do livro de Ezequiel proclamada na liturgia não explicita o conteúdo do que o profeta deveria dizer ao povo. Ela mostra o grande desafio com o qual o profeta deparará e, além disso, como Deus insiste com ele e o encoraja para aquela missão. A profecia será possível por causa da ação de Deus por meio do profeta, não pelas próprias forças deste.

2. II leitura (2Cor 12,7-10)

Corinto possuía uma comunidade fundada por Paulo (At 18,1-8), à qual ele escreve a fim de resolver várias questões comunitárias, das quais resultaram as duas cartas aos coríntios.

As circunstâncias da segunda carta são confusas e parecem reunir diferentes redações. No entanto, certamente Paulo faz sua autodefesa (2Cor 10,1-13,10) devido ao descrédito de seu ministério por parte de alguns (2Cor 2,5; 7,12). A passagem proclamada na liturgia deste domingo é parte dessa defesa do apóstolo.

Paulo defende a autenticidade do seu ministério diante dos “superapóstolos” que o acusavam. Ele não se sente inferior a ninguém, muito menos aos seus detratores. Se quisesse entrar na mesma dinâmica, poderia orgulhar-se de muitas coisas, nomeadamente das revelações que recebeu e das suas experiências místicas (2Cor 12,1-4). Entretanto, ele quer apenas que o vejam como um homem frágil e vulnerável, a quem Deus chamou e enviou para dar testemunho de Jesus Cristo entre as pessoas.

Paulo menciona um “espinho na carne” (v. 7), que gerava humildade nele pelos sofrimentos. Não se explicita de que se trata, mas tal “espinho” produziu em Paulo um reconhecimento de que ele não é um herói nem pode confiar demasiadamente em suas habilidades humanas. A força de Paulo está no reconhecimento de sua debilidade, finitude e limitação, pois assim ele se torna forte, confiando na “graça de Deus” (v. 9), que não lhe falta. Reconhecendo-se fraco, ele é forte devido à ação de Deus (v. 10).

O êxito da missão de Paulo se encontrava na confiança que ele tinha em Deus, por mais que tivesse motivos para confiar nas próprias forças. A evangelização é obra de Deus realizada por meio de pessoas que se dispõem a servir a partir de uma experiência de fé. Portanto, cabe-nos ter atenção para não nos superestimarmos, como se o que se realiza fosse por nossos méritos. Na verdade, tudo é graça de Deus.

3. Evangelho (Mc 6,1-6)

As experiências de rejeição ministerial presentes nas duas leituras encontram reflexo igualmente na vida de Jesus. Ele deixa as margens do lago de Genesaré para ir à sua terra, Nazaré, em dia de sábado (v. 1).

O evangelista já havia narrado outras atividades de Jesus no dia do repouso dos judeus (Mc 1,21; 2,23; 3,1), no qual ele agia e gerava conflitos. Na sinagoga de Cafarnaum (Mc 1,27-28), todos ficaram admirados e questionaram, maravilhados, de onde vinha aquele ensinamento. Era diferente do dos mestres da Lei e fariseus.

Em contrapartida, entre seus conterrâneos, as perguntas são de desconfiança, pois Jesus pertencia àquele lugar e seus parentes eram conhecidos pela maioria (v. 2-3). Jesus não tinha nada de excepcional que o qualificasse para as exigências daquelas pessoas. Era um artesão comum de Nazaré, cidade rural pouco considerada na região (Jo 1,46). Como ele poderia falar e agir daquela maneira?

A cena na sinagoga de Nazaré é impactante. A ousadia de Jesus chama a atenção dos presentes. Sem título algum, ele ensina na sinagoga e se apresenta como mestre, diante da admiração de todos. Com sua vida e palavra, Jesus interrompe o discurso dos especialistas sobre Deus. A surpresa, o desapontamento e o conflito que ele provocou ensaiam cada dia novas palavras e novos gestos.

Em vez de gerar a fé em Deus, como havia ocorrido em outras partes, Jesus se torna um escândalo para aquelas pessoas (v. 3). Sente a repulsa delas, à semelhança de muitos profetas das Escrituras, por isso denuncia a situação e não consegue realizar nenhum milagre (v. 5). Nessa resposta, Jesus se mostra um enviado de Deus, que atua em nome dele e tem uma Boa-nova para oferecer à humanidade. Seus ensinamentos não vêm dos mestres judaicos, mas de Deus, e alguns dali não acreditavam.

À sombra do Altíssimo

A relação singular entre o Espírito Santo e Maria

Jonas Nogueira da Costa



272 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

Convidamos todos a explorar conosco a vida de Maria à luz do Altíssimo, reconhecendo sua conexão íntima e especial com o Espírito Santo.

Vendas: (11) 3789-4000
08000-164011

paulus.com.br

Se, por um lado, há admiração e questionamento das pessoas por causa dos ensinamentos de Jesus (v. 2), por outro, ele também se admira da incredulidade inesperada (v. 6). No entanto, não desiste da missão por causa dessa experiência em Nazaré. Ele segue ensinando e prosseguindo seu caminho de proclamação do Reinado de Deus por palavras e ações. Se não é bem acolhido em um lugar, passa para outro e continua a missão.

Ao contrário do que alguns pensam e pregam, a vida de Jesus não foi pautada por um sucesso mundano. Atualmente, alguns se empenham por valores como fama, prestígio, *status* social, poder, influência entre poderosos, bens etc. A mensagem do Evangelho pregada por Jesus escapa aos holofotes e se realiza na simplicidade de quem se abre para acolher.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Vivemos em tempos nos quais muitas pessoas se importam mais com a aparência do que com a realidade; nos quais a vida publicada nas mídias sociais se sobrepõe à dura realidade e o sucesso e a fama são exigidos de todos.

As leituras deste domingo nos tiram do engano do falso ego para nos situar na realidade da vulnerabilidade, dos limites e da possível rejeição. A vida real também passa por essas experiências valiosas de amadurecimento humano e espiritual. Tais ocasiões são verdadeiras purificações das fantasias que criamos sobre nós mesmos, sobre a missão e a realidade.

Deus se manifesta na fraqueza e na fragilidade. Quando o ser humano se recusa a entender essa realidade, facilmente perde a oportunidade de descobrir que Deus vem ao seu encontro e de acolher os desafios que Ele lhe apresenta.

Comprometer-nos com a fé em Deus é sentir na missão essas desolações, perceber nossas fragilidades e conviver com o

insucesso. O “sim” diário que damos a Deus não garante que sempre seremos acolhidos nem que todos os empreendimentos serão exitosos, tampouco nos torna super-humanos; ao contrário, faz-nos defrontar melhor nossas sombras, ajuda-nos a acolhê-las e nos dá a consciência de que o que se realiza é ação de Deus em nós e por meio de nós.

Se muitas vezes desanimamos, se nos entristecemos porque não estamos como deveríamos ou se gostaríamos que a missão estivesse melhor, a liturgia nos convida a perceber isso tudo e oferecer a Deus. A graça dele nos basta! Nada do que é bom realizamos por nossas forças, e sim pela força de Deus.

15º DOMINGO DO TEMPO COMUM

14 de julho



Convocados por Deus para a missão

I. INTRODUÇÃO GERAL

O Tempo Comum é caracterizado como um tempo para o amadurecimento da graça batismal. Celebram-se os ensinamentos de Jesus, sua existência entre as pessoas e sua missão, realizada no mundo por amor a Deus e à humanidade.

O domingo que celebramos é um chamado e um envio para participarmos efetivamente da vida de Cristo. Pelo batismo, somos inseridos no mistério da vida, paixão, morte e ressurreição de Jesus. Esse mistério não pode ser guardado para si, como um tesouro a esconder. Ao contrário, deve ser compartilhado, proclamado, acreditado e celebrado. Todos os batizados são chamados e enviados em missão.

O profeta Amós experimenta quanto a força para profetizar é mais potente do que a recusa, a expulsão do templo ou qualquer adversidade. A carta aos Efésios fala da Palavra de Deus como algo selado pelo Espírito Santo em nosso coração. No Evangelho, Jesus envia os discípulos dois a dois, com recomendações para seguir adiante e levar a Boanovoa a muitas pessoas. Comprometamo-nos com o que celebramos, transformemos nossa vida em missão!

Urge fazer o êxodo da estreiteza de nosso ser para a largueza de um coração inflamado de caridade. A missão é o estado comum do ser cristão. Por nossa fé, tornamo-nos missionários de Cristo. Recusar a viver essa dimensão da fé é desconsiderar o efeito do batismo na pessoa humana.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Am 7,12-15)

O profeta Amós se apresenta como um cuidador de gado (Am 1,1; 7,14) que atua no Reino do Norte, no período anterior à dominação dos assírios (722 a.C.). Então, Israel vivia um tempo de sossego, mas já sentia as ameaças de dominação estrangeira.

O texto da leitura narra a expulsão de Amós por Amasias, sacerdote de Betel, porque as palavras do profeta incomodavam o rei Jeroboão (Am 7,10). Amós não falava para agradar aos reis e sacerdotes, classes privilegiadas daquela sociedade, mas, fiel à Palavra do Senhor, denunciava os desmandos daquela elite. A verdadeira profecia consiste em falar em nome de Deus, e dessa maneira Amós agia, por isso incomodava.

Por esse motivo, Amasias quer Amós em Judá, distante dele e do seu templo. Betel era um santuário edificado para o rei, e o sacerdote estava a seu serviço. Jeroboão o construíra para se opor aos privilégios de Jerusalém, o templo do Reino do Sul (1Rs 12,26-33). Portanto, o profeta era rejeitado pelo rei e pelo sacerdote por sua fidelidade ao Senhor.

Pequena filocalia

O livro clássico da Igreja oriental

Vv. Aa.



224 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

A obra revela o modo autêntico da oração simples que guia e molda o ser cristão. O termo “filocalia” significa “amor à beleza”.

Vendas: (11) 3789-4000
08000-164011

paulus.com.br

Entretanto, Amós reage à expulsão de Amasias, lembrando sua vocação para profetizar. Recorda que não era profeta nem filho de profeta, ou seja, não pertencia a um grupo que exercia essa atividade em Israel. O Senhor elegeu Amós para profetizar no meio do povo, e assim ele obedeceu.

A missão de todos nós guarda semelhanças com a de Amós. Somos escolhidos em meio às nossas tarefas ordinárias, enfrentamos adversidades em relação a pessoas e situações, e somos fortalecidos pelo Senhor para continuarmos nossa vocação específica. Deus, que nos chama, capacita-nos para seguir adiante. A Palavra do Senhor nos é dirigida constantemente para transmiti-la com alegria aos demais. Somos profetas do Senhor no mundo contemporâneo.

2. II leitura (Ef 1,3-14 ou 3-10)

A carta aos Efésios, que acompanharemos nos próximos domingos na liturgia dominical, foi dirigida aos cristãos da Ásia Menor (hoje Turquia), província romana cuja capital era Éfeso, cidade de forte cultura helenista.

O trecho da segunda leitura é a parte final de um hino de louvor a Deus (v. 3-14). Ele possui características das orações de bênção usadas na liturgia judaica (2Cor 1,3; 1Pd 1,3). Deus é o sujeito dos verbos e age em Cristo. O autor recorda a eleição (v. 4-5), a libertação (v. 6-7), a recapitulação (v. 8-10), a herança prometida (v. 11-12) e, finalmente, os dons do Espírito Santo (v. 13-14).

Os efésios são exortados a recordar a Palavra de Deus ouvida como “Palavra da verdade, o Evangelho da vossa salvação” (v. 13). Essa mensagem acolhida e acreditada é selada, como com um sinete (2Cor 1,22), pelo Espírito Santo. É a garantia de uma herança incomensurável, eterna e prometida, já experimentada por meio da fé. A passagem se conclui com uma doxologia, completando o hino.

Essa leitura apresenta o efeito da pregação da Palavra de Deus na vida de uma pessoa. Olhando nossa história de fé em Cristo, como ouvintes de sua Palavra, podemos perceber a realização do que lemos. Da mesma maneira, contemplamos esses efeitos em outras pessoas e situações transformadas pela força do Evangelho.

3. Evangelho (Mc 6,7-13)

O Evangelho da liturgia traz o envio dos discípulos para irem dois a dois, conforme o costume judaico repetido pelos pagãos (Lc 7,88; Jo 1,37). Um apoia o outro, e todos se comprometem com o anúncio e a prática da mensagem de Jesus: “O Reino de Deus está próximo, convertei-vos e crede no Evangelho” (Mc 1,15).

Para a missão, não bastavam discursos e pregações. Atos comunicam mais do que palavras. Por isso, Jesus dá aos seus enviados poder sobre os espíritos imundos (v. 7), pois portam consigo a presença de Deus, o Espírito Santo, que repele o mal e torna possível a comunhão do ser humano com Deus. O missionário não transmite nada de si, mas de Deus, que o inspira para aquela ação.

Jesus lhes deixa algumas instruções práticas para aquele tempo. Não permite que levem algo pelo caminho, a não ser um bastão, para apoio na caminhada e para espantar animais nas estradas. Não podem ter comida, nem bolsa, nem dinheiro, pois o objetivo é caminhar e percorrer os recônditos das redondezas da Galileia. Para isso, ajuda um par de sandálias e uma túnica (duas atrapalham o missionário). O interesse da narrativa é demonstrar a dinâmica itinerante do missionário, que deve estar inquieto para transmitir o Evangelho.

Quando chegar a uma casa e for acolhido, ali deve permanecer. Se não encontrar acolhida nem quiserem ouvir sua mensagem, deve seguir adiante, sacudindo o pó dos pés contra aquela rejeição (v. 10-11).

Por fim, o conteúdo do anúncio dos discípulos deve ser o mesmo do de Jesus: a conversão por causa do Reino de Deus (Mc 1,15). Os que continuam a missão de Jesus assumem seu jeito de ser. Desse modo, tornam Deus presente por meio das suas ações (expulsando os demônios e curando os enfermos – v. 13).

O envio e as instruções do Evangelho proclamado são os mesmos para os nossos tempos. As condições para a missão e o contexto sociocultural são diferentes, porém a recomendação da primazia da Palavra de Deus e as atitudes que acompanham a pregação servem de princípios para todas as atividades missionárias.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

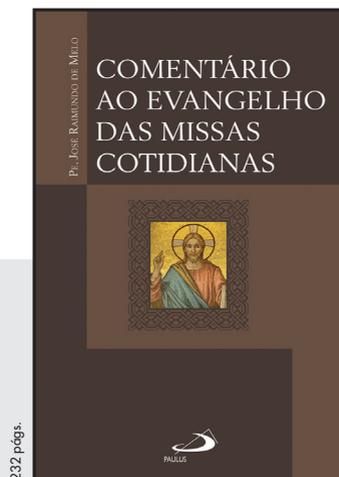
Qual apelo de Deus você sente em seu interior? Essa questão permanece em cada Eucaristia, especialmente à luz das leituras deste dia. Cada pessoa experimenta de maneira particular o chamado de Deus e o envio à missão.

No imaginário de muitas pessoas, a missão consiste essencialmente na ida a um lugar para visitas e partilha da Palavra de Deus. A missão, na verdade, constitui o ser cristão no mundo. Por isso, o monge enclausurado em oração é tão missionário quanto quem parte para outro país para ajudar em alguma nova realidade. Todos somos convidados a assumir nossas condições como missão, na qual nos cumpre servir a Deus em cada pessoa necessitada de nós. Não só fazemos missão, mas “somos missão”.

Dom Helder Câmara possui um bem conhecido poema sobre as missões que se inicia assim: “Missão é partir, caminhar, deixar tudo, sair de si, quebrar a crosta do egoísmo que nos fecha em nosso Eu. É parar de dar voltas ao redor de nós mesmos, como se fôssemos o centro do mundo e da vida...”. A partida para a missão não

Comentário ao Evangelho das missas cotidianas

Pe. José Raimundo de Melo



232 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

O livro apresenta, a cada novo tempo litúrgico, uma breve introdução ao período, e oferece, para cada dia, um breve comentário da palavra do Evangelho da missa.



Aponte a câmera do seu celular e confira a degustação do livro!

Vendas: (11) 3789-4000
08000-164011

paulus.com.br

consiste em um deslocamento de território, e sim na conversão interior, na saída de uma existência em torno de si mesmo para uma vida oferecida, doada e significada na alteridade.

Sejamos corajosos em responder ao Senhor. Ele conta conosco! Recebemos seu Espírito Santo para agir conforme Jesus Cristo e torná-lo presente no mundo de hoje. Saiamos para evangelizar e, quando necessário, usemos as palavras.

16º DOMINGO DO TEMPO COMUM

21 de julho



O silêncio e a compaixão pelos outros

I. INTRODUÇÃO GERAL

Contemplamos nas Escrituras a vida humana de Jesus, que teve um corpo, criou relações, agiu como humano e manifestou a presença de Deus por meio de sua existência carnal. Aprendemos a viver conforme sua vida, seguindo seus passos e praticando seus ensinamentos.

A liturgia deste domingo nos apresenta a compaixão que Jesus experimentava diante da multidão que o seguia. As necessidades eram numerosas e de diferentes tipos (físicas, psíquicas, espirituais, materiais etc.), tal como vemos no mundo atual, com desigualdade social, guerra entre países e perda do sentido da vida.

Celebrar a Eucaristia e a Palavra de Deus significa comprometer-se com a proposta que nos é comunicada. Deus promete novos pastores para seu povo (I leitura), pois os reis estavam descompromissados com a missão. Jesus se recolhe com seus

discípulos e percebe uma multidão numerosa que precisa dele (Evangelho). Ele reúne todos os dispersos, formando um só povo e derrubando os muros que nos separam (II leitura). Há um apelo para a compaixão, pois muitos vivem como “ovelhas sem pastor”.

Às vezes vivemos tão centrados em nós mesmos, que nos esquecemos das outras pessoas. Quando olhamos além e acolhemos o próximo, não nos ignoramos, mas temos um acesso diferente a nós mesmos, de outro ponto de vista. Nossa existência se enriquece com uma nova companhia, com o coração mais sensível e com nossa humanidade com maior compaixão.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Jr 23,1-6)

Essa passagem pertence à coleção de vários oráculos relativos aos últimos reis de Judá (Reino do Sul). O trecho selecionado para a liturgia é a conclusão, na qual Deus anuncia pastores (líderes) conforme seu coração, isto é, que realizem sua vontade e sejam fiéis à aliança. Uma profecia semelhante encontra-se em Ez 34.

A perícopes se inicia em forma de imprecação: “Ai dos pastores...” (v. 1). Há uma oposição aos reis, que deveriam zelar pelo cumprimento dos mandamentos e cuidar do povo (rebanho), no entanto o abandonam por causa de interesses particulares. O Senhor Deus é comparado a um pastor (Sl 23,1-4; 78,25-26; 95,7), e os reis e outras lideranças deveriam ser reflexo dessa presença divina.

A profecia se dirige contra esses maus pastores do povo. Eles o abandonaram, ocuparam-se em dispersar as ovelhas ao invés de unir e comportaram-se de maneira perversa e irresponsável (v. 2). Então, Deus vai reunir o que foi disperso, procurar o que está perdido e conduzir a lugares seguros. Em seguida, vai suscitar

novos pastores para apascentar o rebanho e agir conforme os tempos messiânicos (Jr 3,15; 29,10-14; 30,10).

Enfim, o oráculo identifica uma pessoa que assumirá essa função. Deus estabelecerá um rei, descendente de Davi, que será competente, defenderá o direito e a justiça (bênômio importante para os profetas bíblicos) e terá como nome “Senhor, nossa justiça” (v. 6). Em hebraico, essa expressão evoca, ironicamente, o nome do rei Sedecias.

O texto cria a expectativa de um enviado de Deus para o cuidado do povo. Ainda hoje, sofremos com a mesma mazela de lideranças – principalmente políticas – descompromissadas com a maior parte da população. Triste situação a que assistimos em nosso país e em outras partes do mundo: os maus pastores prejudicando o rebanho de Deus.

O Senhor, nossa justiça, age para reunir o que se dispersa e curar o que se fere. Enquanto alguns agem mal, outros ouvem a Palavra de Deus e buscam ser seu reflexo como pastores do povo, que querem a vida e não a morte.

2. II leitura (Ef 2,13-18)

A segunda leitura comunica a unidade de todos em Cristo. As segregações devem ser superadas e as diferenças diminuídas, pois o Senhor aboliu os motivos que separavam as pessoas.

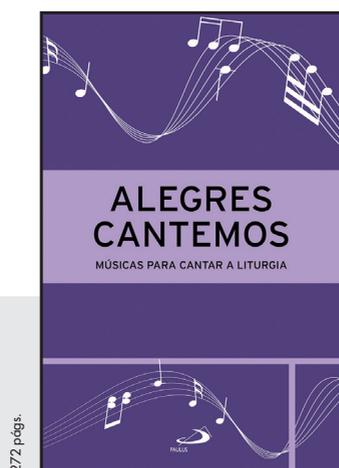
Para o judaísmo antes de Jesus, os pagãos estavam longe de Deus por causa do desconhecimento da Lei e em decorrência de suas práticas idolátricas. Entretanto, Cristo trouxe os pagãos para junto de Deus (v. 13). A comunidade dos efésios experimentava o que lemos no texto. Eles se converteram à fé cristã sem passar pela circuncisão.

A situação de perturbação pela separação de Deus é revertida pelo sangue de Cristo, ou seja, por sua vida. Por isso, ele é

Alegres cantemos

Músicas para cantar a liturgia

Iorlando Rodrigues Fernandes (org.)



277 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

O livro de cantos destina-se principalmente às pessoas que cantam nas celebrações da Eucaristia e da Palavra. São mais de mil músicas para auxiliar o povo de Deus a cantar a liturgia.



Aponte a câmera do seu celular e confira a degustação do livro!

Vendas: (11) 3789-4000
08000-164011

paulus.com.br

a “paz” de todos, porque uniu o que estava dividido pelo muro dos preconceitos e do apego às normas e costumes. A existência carnal de Jesus faz que o amor supere o ódio e o perdão prevaleça sobre a punição.

A separação principal existente na comunidade dos efésios e em outras comunidades do Império Romano era a distinção entre judeus e pagãos. Então, a partir do judeu e do pagão, Cristo estabelece uma unidade de paz (v. 13.17), formando, das duas etnias, uma nova humanidade em comunhão com Deus e constituída de pessoas unidas umas às outras. A ação de Jesus veio unir e aproximar os que estavam distantes. Portanto, todos têm acesso ao Pai e podem viver na paz da sua comunhão (v. 18).

Ao contrário do que algumas mentalidades conservadoras pensam, Cristo não veio apenas para alguns nem para segregar classes de pessoas. Ele veio unir, congregar, derrubar os muros e, como diria o papa Francisco, “construir pontes”. As atitudes que vemos de exclusão social, discriminação, injustiça e preconceito não possuem inspirações na fé autenticamente cristã, mesmo quando usam o nome de Deus.

3. Evangelho (Mc 6,30-34)

Na sequência da leitura contínua do Evangelho de Marcos, lemos neste domingo o retorno dos discípulos da missão dois a dois (domingo anterior: Mc 6,7-13), o recolhimento de Jesus para um lugar à parte (v. 31) e a compaixão da multidão (v. 34).

Os apóstolos (enviados) regressam da missão e comunicam a Jesus os acontecimentos e ensinamentos (v. 30). Estavam entusiasmados com a experiência missionária e com os fatos que acompanharam a pregação deles. Então, Jesus propõe a ida a um lugar deserto, um descanso com eles, distante da multidão (v. 31-32). Era uma maneira de não apenas repousar,

mas também avaliar e planejar para seguir adiante. A pausa é fundamental para melhor prosseguir. O deserto, nas Escrituras, é imagem do lugar da aliança de Deus com seu povo.

Contudo, a multidão não desiste de Jesus e dos discípulos. Muitas pessoas das cidades vizinhas, das aldeias por onde o grupo passava, e outras que ouviam falar de Jesus iam até ele para encontrá-lo e ouvi-lo. A multidão chega antes de Jesus descer da barca (v. 33).

Ao ver aquela gente, Jesus se compadece, sente pelos seus sofrimentos e necessidades. Ele se “move de compaixão” como Deus (Ex 34,5-6; Is 40,11). Marcos compara aquela gente a “ovelhas sem pastor” (v. 34) – imagem que, desde o Antigo Testamento, descreve a demanda de uma voz para nortear o rumo a seguir (Nm 27,17; Ez 34,5.8; Jr 50,6). Jesus é a Palavra de Deus encarnada que revela o mistério do amor do Pai. As pessoas precisavam desse “novo” ensinamento que consola e dá sentido à existência. Havia uma busca por parte de muitos, e estes encontravam resposta em Jesus.

O conteúdo do ensino de Jesus era o Reinado de Deus. Seu método não consistia em explicações descritivas a respeito desse mistério, e sim na vivência dele entre as pessoas. Isso atraía a multidão, cansada de tantos discursos vazios. Por isso, trata-se de um ensinamento “novo”, como de quem tem “autoridade” (Mc 1,27). A existência humana de Jesus era a explicação do Reinado de Deus.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Nossas realidades eclesiais e o mundo no qual vivemos estão repletos de pessoas que vivem como “ovelhas sem pastor”, sem maiores sentidos de vida, sem propósitos nem objetivos. A Palavra de Deus propõe um recolhimento e um encontro.

Não somos apenas uma carne para cuidar; somos seres humanos vivos, livres, conscientes e desejosos de transcendência. Jesus nos convida a ir a um lugar tranquilo, sereno, para conversar, encontrar as belezas de Deus que se manifestam na vida de todos nós, na luta dos trabalhadores, do jovem em busca de emprego, no esforço de muitos por justiça... Quantas histórias lindas temos para perceber em nós e no nosso meio! Contudo, somos demasiadamente ocupados com uma vida vazia.

Assim como agiu com seus discípulos, ele também nos indica o silêncio e o recolhimento, para ouvirmos melhor nosso interior, onde Deus habita. A unidade e a reunião das “ovelhas dispersas” se iniciam dentro de nós, acolhendo nossos fragmentos e nos integrando na fé, no Senhor. A partir daí, contribuimos para que essa unidade em Cristo se realize em outras pessoas, nas nossas comunidades e na nossa sociedade.

A compaixão sentida por Jesus deve preencher nosso coração e nos deslocar para o encontro com o outro que necessita de nós; não apenas como mero sentimento, mas como jeito de ser e de agir. Há tantas pessoas por aí necessitando da compaixão de Deus!

17º DOMINGO DO TEMPO COMUM
28 de julho



Unidos alimentando os famintos

I. INTRODUÇÃO GERAL

“Você tem fome de quê? Você tem sede de quê?”, pergunta uma canção brasileira, exprimindo que o ser humano precisa de

Educação católica

Caminho de evangelização
ao humanismo solidário

Dom Antônio de Assis Ribeiro



112 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

CONFIRA
VERSÃO
E-BOOK

O livro apresenta orientações práticas para serem desenvolvidas através da Pastoral da Educação e na formação continuada de educadores.



Aponte a câmera do seu celular e confira a degustação do livro!

Vendas: (11) 3789-4000
08000-164011

paulus.com.br

algo mais do que comida e bebida. Contudo, a liturgia deste domingo coloca nossos pés na realidade dura da existência de muitas pessoas ainda sem ter o que comer e o que beber, sem condições adequadas para a sobrevivência (saneamento, moradia, emprego etc.). A partilha dos pães nos lembra que nossos dons se multiplicam quando não os retemos.

A dinâmica do pouco oferecido e partilhado para muitos aparece na primeira leitura e se repete no Evangelho. O resultado é a formação de um povo abundantemente saciado por Deus, a ponto de sobrar mais do que havia na situação inicial. As pessoas alimentadas por Deus se unem, formando um corpo, o de Cristo, para viver a unidade na caridade do pão partilhado.

O que ouvimos e podemos imaginar desses textos da liturgia ocorre em nosso cotidiano, quando abrimos o coração e as mãos para a partilha fraterna. Essa percepção que temos seria muito melhor se as grandes economias mundiais pensassem nos mais pobres, se houvesse justiça social e se a fome ainda existente no mundo fosse resolvida.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (2Rs 4,42-44)

No segundo livro dos Reis, há algumas narrativas de milagres do profeta Eliseu, sucessor de Elias. O episódio que lemos na liturgia apresenta a distribuição de pães de maneira semelhante ao que teremos no Evangelho.

Um homem trouxe para o profeta um saco de pães das primícias, feitos de trigo novo, de acordo com a descrição de Lv 23,17. Eliseu, chamado de “homem de Deus” (v. 42), recebe daquele homem anônimo o que se destinava aos sacerdotes do templo (Lv 23,20). Ele não retém a oferta, mas pede que seja repartida entre todos.

O ajudante questiona a ordem do profeta, pois eram poucos pães para muitas pessoas. Eliseu insiste na distribuição dos pães, pois esperava, conforme a palavra do Senhor, que todos comeriam e se fartariam. Assim aconteceu, como cumprimento da Palavra de Deus dita pelo profeta.

O relato se assemelha com o que já conhecemos das narrativas dos Evangelhos: um bocado de pão oferecido, acolhido e distribuído a uma multidão. No fim, as sobras superam o que se tinha e percebe-se a superabundância da ação divina. O pouco ofertado, abençoado e partilhado se torna muito para satisfazer a todos profusamente.

2. II leitura (Ef 4,1-6)

Continuando a leitura de Efésios, acompanharemos, nos próximos domingos, a segunda parte da carta (Ef 4,1-6,20), que oferece orientações mais práticas à comunidade. No trecho deste domingo, lemos um convite à unidade por meio da boa vivência dos vínculos fraternos.

O início exorta os efésios a viver uma vida conforme o chamado recebido desde o princípio da fé em Cristo. A comunidade sofria com alguns dos seus membros, que rompiam a unidade, se entusiasmavam com heresias e, por conseguinte, possuíam uma moral dissoluta e distante dos ideais cristãos. As separações ocorriam por conta desses ensinamentos contrários à fé comum. Por isso, a carta chama os cristãos a praticar a humildade, a mansidão, a paciência e suportar uns aos outros em prol dessa unidade, ameaçada por discórdias.

Em seguida, o texto recorda a unidade do corpo que constitui a Igreja, comunidade de fé. Há uma só esperança, um só Senhor, uma só fé, um só batismo, pois Deus é único e Pai de todos (v. 6; Cl 3,12-15). Não se trata de unidade de aparência, decorrente da falta de diversidade, e sim de unidade em construção, baseada na fé em Deus uno.

No contexto da primeira leitura e do Evangelho, podemos relacionar a unidade indicada pelo autor com os pães distribuídos. A Eucaristia celebrada unifica os fiéis em um só coração e uma só alma para viver o mistério do amor no mundo.

3. Evangelho (Jo 6,1-15)

Na liturgia dominical do Ano B, ano do Evangelho de Marcos, acompanhamos, por alguns domingos, o discurso do “pão da vida” em João 6. Trata-se de catequese eucarística ampliada da narrativa dos pães em Marcos.

Na sequência do Evangelho de João, Jesus conclui abruptamente o ensino a respeito do testemunho que ele dá do Pai (Jo 5,47). A partir de Jo 6,1, a cena se desloca de Jerusalém para o interior, a Galileia. Jesus se encontra à beira do lago de Tiberíades (ou de Genesaré) e o atravessa. Tal como em Mc 6,33-34, muita gente vai atrás dele, por ter visto os sinais que ele realizava.

Entretanto, Jesus sobe com seus discípulos aos montes que ladeiam o lago. O evangelista situa o evento na época da Páscoa, a comemoração do êxodo dos israelitas, quando Deus livrou seu povo da escravidão do Egito, o alimentou no deserto e o guiou à Terra Prometida. O leitor já se prepara para uma ação de Jesus semelhante à de Moisés diante do povo no deserto.

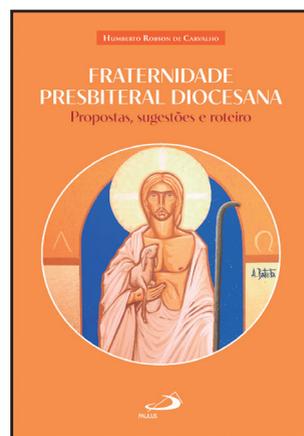
Jesus vê a multidão do alto da montanha e questiona Filipe, para experimentá-lo: “Onde vamos comprar pães para que estes possam comer?” (v. 5). Jesus sabe o que quer e como vai agir. Ele toma a iniciativa. Em João, a pergunta “de onde?” sempre evoca uma origem misteriosa, algo que possui origem divina (Jo 1,48; 2,9; 3,8; 4,11; 6,5; 7,27-28; 8,14; 9,29-30; 19,39).

Portanto, Jesus possui um conhecimento superior ao dos discípulos – por exemplo, ao de Filipe, que pensa em termos deste mundo e conclui que duzentos denários

Fraternidade presbiteral diocesana

Propostas, sugestões e roteiro

Humberto Robson de Carvalho



32 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

Este subsídio tem por objetivo colaborar com os padres diocesanos, oferecendo-lhes uma proposta para aprofundamento da vivência fraterna entre os membros do presbitério.



Aponte a câmera do seu celular e confira a degustação do livro!

Vendas: (11) 3789-4000
08000-164011

paulus.com.br

não bastam para que cada um receba um pouco de pão (cf. Mc 6,38 e paralelos; um denário parece ser a diária de um lavrador: Mt 20,2). Outro discípulo observa diferente: há um menino com cinco pães de cevada e dois peixinhos (v. 9). João apresenta esse personagem com pães e peixes para recordar Eliseu (2Rs 4,21-44).

Eles estão diante do impasse de alimentar numerosa multidão com tão pouco. Então, Jesus entra em ação e ordena aos discípulos que acomodem as cinco mil pessoas na grama daquele lugar ermo (v. 10). Em seguida, toma os pães e, dizendo a ação de graças (*eucharistia*), distribui-os aos que estão sentados. Faz do mesmo modo com os peixinhos. Os gestos e as palavras usados no Evangelho são os mesmos da celebração dos primeiros cristãos.

Os pães e os peixes se tornaram abundantes a ponto de alimentar a multidão que seguia Jesus. Quando terminaram de comer, Jesus mandou recolher o que havia sobrado. Foram doze cestos cheios das sobras dos cinco pães e dos dois peixinhos (v. 12-13). O número 12 representa as tribos do antigo povo de Israel e os apóstolos, o novo povo de Deus, a Igreja; logo, o novo povo de Deus alimentado no deserto, sinal do dom messiânico de Deus em Jesus, que age como novo Moisés.

O Evangelho de João fala de “sinais” realizados por Jesus. Prefere esse termo a milagres, pois os acontecimentos apontam para uma realidade além daquela apresentada imediatamente. Por isso, o povo reconhece Jesus como um profeta que deve vir ao mundo, a exemplo de Moisés, Elias e Eliseu (Dt 18,15; Ml 3,1.23); mas quer segurá-lo para proclamá-lo rei, um messias (rei) apenas político. Aquelas pessoas só pensavam na saciação da fome material.

Havia um sentido mais profundo naquele acontecimento. As pessoas comeram pão e peixe e não observaram que aquilo

indicava a partilha do pão e do vinho na última ceia, a qual, por sua vez, prenunciava a entrega de Jesus na cruz, sua morte e ressurreição. Logo, o sinal dos pães convidava a pensar em um alimento superior, que era a vida de Cristo.

Por fim, Jesus se retira sozinho para o monte (v. 15) – atitude de quem precisa de orientação divina para seguir adiante e de quem se inspira para agir da melhor maneira com seus discípulos.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

A cena da liturgia da Palavra nos convida à partilha. Há tantas pessoas famintas, sem vestuário, sem emprego digno, sem moradia adequada etc. Muitas realidades instigam nossa sensibilidade cristã para agirmos em favor dos mais vulneráveis da sociedade.

Ainda que não nos inserimos em algum projeto social perene, podemos agir de maneira mais solidária e fraterna nas relações mútuas. A Escritura nos convida a distribuir o pão que temos e que somos. Apesar de podermos partilhar um pouco dos bens que possuímos, cabe-nos oferecer também nossas qualidades, nosso tempo para ouvir, a sabedoria acumulada nos anos, as experiências de vida, histórias marcantes, testemunhos de fé etc. Olhando nossos cestos, podemos encontrar outros pães e peixes para outras necessidades. Sempre temos o que oferecer!

Seria grande tristeza ter nossos estoques interiores vazios; depois de alguns anos de vida, olhar para o passado e perceber que acumulamos quinquilharias, que nada temos para distribuir, para partilhar com quem está ao nosso lado. Olhando nossa vida e o que podemos oferecer, respondamos: a quem daremos os pães? Que pães daremos? Como daremos esses pães?



Alimentar-se com o pão da vida

I. INTRODUÇÃO GERAL

Iniciamos o mês de agosto, o qual, para a Igreja no Brasil, é dedicado às vocações. Toda vocação é um chamado de Deus a algo. Fomos chamados à vida, à fé em Cristo, à santidade, e ainda somos chamados continuamente para novas missões. Que apelos do Senhor você tem sentido?

As leituras evocam a imagem do pão, alimento básico humano para muitas culturas. Deus deu um pão no deserto para o povo saciar a fome e seguir adiante até a Terra Prometida (primeira leitura). Jesus dá um pão superior, sua própria vida, que sacia para sempre e conduz à eternidade (Evangelho). A pessoa nova em Cristo, alimentada por esse pão, deve viver distante da velha vida e renovar-se continuamente (segunda leitura).

Qualquer vocação nasce da escuta e é alimentada na Palavra e na Eucaristia. É tempo de reservar-nos para um exercício de silêncio e acolhida da vontade de Deus em nós. A chama do seu amor não pode se apagar, pois é dela que nasce o ardor para o servir e o cuidar dos outros.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Ex 16,2-4.12-15)

O livro do Êxodo narra a libertação do povo de Israel da escravidão do Egito. Nessa travessia, a partir dessa experiência de fé, aquelas pessoas se constituem como o povo de Deus. O episódio do maná,

Transformações teológicas na América Latina

Novos horizontes para a libertação

Eduardo Brasileiro/ Claudemir Francisco Alves/ Robson Sávio/ Rachel de Castro Almeida (orgs.)



440 págs.

**CONFIRA
VERSÃO
E-BOOK**

Imagens meramente ilustrativas.

A obra apresenta questões contemporâneas, que constituem o anseio da mulher e do homem contemporâneos. Um olhar atento ao chão da história, mas sem perder de vista o horizonte da utopia.



Aponte a câmera do seu celular e confira a degustação do livro!

Vendas: (11) 3789-4000
08000-164011

paulus.com.br

na primeira leitura deste domingo, demonstra a ternura e o cuidado de Deus com o povo eleito.

A leitura se inicia com a ambientação da narrativa (v. 2-3). O povo se encontrava no deserto, percorrendo-o com confiança na promessa de Deus. No entanto, as pessoas se cansaram e começaram a murmurar contra Moisés e Aarão. Diziam ser melhor terem morrido escravos no Egito, onde tinham alimentos, do que perecerem no deserto. A reclamação por comida comportava também uma ingratidão à ação divina e uma nostalgia pela vida velha.

Deus respondeu ao clamor do povo. Prometeu um “pão do céu” para o povo recolher e se alimentar. Então, foram dadas as orientações sobre como aconteceria essa “prova” do Senhor para seu povo (v. 12-15). Os israelitas se fartariam do alimento oferecido por Deus por meio das codornizes, diariamente. Não se sabia muito bem o que era. Tratava-se de algo misterioso, quase instantâneo, que satisfazia os famintos. O importante era compreender que aquilo constituía “o pão que o Senhor deu para comer” (v. 15).

Esse alimento dado por Deus no deserto ainda é provisório e sustenta apenas por um tempo breve. Outro alimento superior será apresentado e alimentará eternamente, como verdadeiro alimento. O maná é apenas sombra de uma realidade maior, apresentada por Jesus.

2. II leitura (Ef 4,17.20-24)

As orientações práticas da segunda parte da carta aos Efésios continuam (Ef 4,1-6,20). Os costumes e as práticas pagãs anteriores à fé em Cristo parecem influenciar ainda o comportamento dos efésios. A experiência de fé deve levar a viver de novo modo.

O texto possui a terminologia de uma catequese batismal semelhante a Cl 3,1-17. A comunidade se distanciava dos

ensinamentos principais do início da conversão. Diante disso, o autor afirma que a verdade está em Jesus (v. 21) e, portanto, os outros ensinamentos que se infiltram na comunidade são mentirosos, geradores de confusão e divisão.

Na sequência, lemos a orientação para a renúncia às coisas velhas (v. 22), a necessidade de renovação interior (v. 23) e a ordem para revestir-se da novidade evangélica (v. 24). Esses versículos demonstram um programa de vida cristã, que não se aplica apenas aos neófitos, mas destina-se sobretudo aos que caminham há mais tempo no seguimento de Jesus e esfriaram o compromisso de fé. Tanto assim que os primeiros destinatários se compunham de pessoas mais experientes, que voltavam às práticas pagãs.

Nessa leitura se contrapõem o antigo e o novo, a vida velha no paganismo e a novidade da experiência com Cristo. Essas realidades se fazem também presentes em nós e precisam ser percebidas e integradas. A liturgia constitui um momento oportuno para uma autoavaliação.

3. Evangelho (Jo 6,24-35)

O discurso do “pão da vida” se inicia após o episódio da caminhada sobre as águas (Jo 6,16-21). Jesus desenvolve e explica o significado do “sinal do pão” (Jo 6,1-15), ensinando sobre sua identidade de Filho enviado do Pai.

A multidão segue Jesus e chega até ele em Cafarnaum. As pessoas perguntavam espantadas quando Jesus havia chegado (v. 24-25). O mistério em torno de sua identidade permanecia e se complementava com sua resposta, que denunciava a procura de muitos não por terem visto sinais, mas porque encheram a barriga de pão. Eles perceberam o milagre apenas como meio para saciar a fome, e não como sinal de algo além. Não entenderam

que era uma manifestação da presença de Deus por meio da distribuição realizada por Jesus.

Em seguida, Jesus lhes ensina o significado do seu sinal (v. 27). Devem empenhar-se pelo alimento que não se acaba como o maná e é oferecido pelo “Filho do Homem”. Esse título é uma maneira comum na Bíblia de se referir a um ser humano qualquer (p. ex., Ez 2,1), mas, na boca de Jesus e dos evangelistas, quase sempre lembra a visão em Dn 7,13-14, em que aparecem primeiro os reinos deste mundo, representados por quatro feras, e, depois, o Reino de Deus, representado por um ser humano. No tempo de Jesus, acentuava-se muito que esse Filho do Homem tinha autoridade para proferir o juízo em nome de Deus.

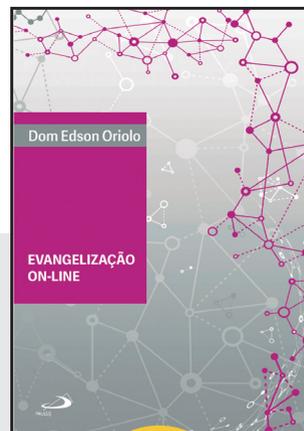
Aquelas pessoas que seguiam Jesus perguntaram-lhe sobre as “obras de Deus” (v. 28). Sua resposta foi que a “obra” que agradava a Deus era acreditarem naquele que ele havia enviado. Há um jogo de palavras e de compreensão, pois os interlocutores perguntavam no plural e Jesus respondia no singular. Eles pensavam nas ações, e Jesus pedia uma atitude de fé (v. 29).

A seguir, Jesus foi questionado a respeito de suas obras e de qual sinal daria (1Cor 1,22). Os antepassados comeram o maná no deserto (Sl 78,24; Ex 16,15), alimento que legitimava a atuação de Moisés (e Aarão) como enviado por Deus. Agora, eles pediam uma prova da autoridade de Jesus, apesar de terem presenciado, no dia anterior, um sinal que deveria falar por si. Logo, não compreenderam bem o gesto do pão.

A resposta de Jesus apela para uma autoridade superior à de Moisés. O Pai foi quem deu aquele alimento no deserto e continua a dar um “pão verdadeiro” vindo do céu. O novo “maná” que Jesus tenta explicar dá vida ao mundo. Chegou o tempo de um pão que gera vida eterna sem a mediação de Moisés.

Evangelização on-line

Dom Edson Oriolo



144 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

**CONFIRA
VERSÃO
E-BOOK**

A obra reúne reflexões sobre a realidade na qual a Igreja de Jesus está inserida, permeada e influenciada pela velocidade dos meios sociais, para pensar a Igreja e sua relação com o mundo digital.



Aponte a câmera do seu celular e confira a degustação do livro!

Vendas: (11) 3789-4000
08000-164011

paulus.com.br

Novamente, há o desentendimento entre Jesus e seus interlocutores. Ele falava de um pão metafórico, e os ouvintes entendiam outro pão, o material. Por isso, Jesus fala explicitamente: “Eu sou o pão da vida” (v. 35). Quem se aproxima dele sacia a fome e a sede que nada nem ninguém pode saciar. Trata-se da eternidade, que nenhuma matéria pode satisfazer.

Há uma pedagogia de Jesus no ensinamento deste domingo. Ele parte de um evento vistoso e abundante para explicar uma realidade silenciosa, misteriosa e oculta. Enxergar a fartura dos pães não é o suficiente; é preciso reconhecer que Jesus é o verdadeiro “pão do céu” enviado por Deus para a salvação da humanidade. É necessário passar do evento à fé em Deus, que atua na história humana.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Que alimento temos buscado em nossa vida? Quais são nossas fomes e sedes? A liturgia deste domingo propõe um alimento para a vida eterna.

Apegamo-nos a tantas coisas materiais e passageiras e nos esquecemos da presença de Deus. Ele está por trás de tudo, sempre junto de nós, sustentando-nos nas alegrias e nas tristezas, nos sofrimentos e no gozo, nos problemas e nas soluções, nas conquistas e nas comemorações. Se ele está nos bons momentos da vida, mais ainda permanece conosco nos desafios cotidianos.

Quando Deus deu o pão para que aquele povo se alimentasse, queria alimentar muito mais que o estômago. Queria dar o conforto por meio da presença, do carinho, do amor, da entrega, da revelação de quem ele era. Jesus deu àquele povo um pão comum, mas afirmando que era Ele o pão da vida! Da mesma maneira, nossa fome de vida encontra saciedade em Jesus.

Os ministros ordenados, recordados neste domingo, exercem o serviço de transmitir a presença de Deus por meio de seus gestos, entre os quais a distribuição do pão da vida. Eles oferecem uma matéria que representa algo eterno. Receber o “pão da vida” significa também tornar-se pão, preparado, abençoado, partilhado e distribuído para saciar a fome de muitas pessoas.

19º DOMINGO DO TEMPO COMUM

11 de agosto



A carne de Jesus: alimento para a vida eterna

I. INTRODUÇÃO GERAL

A imagem do deserto é recorrente nas Escrituras e recorda uma experiência importante para o povo da Bíblia: a libertação do Egito e a aliança com Deus. Muitos de nós não conhecem esse bioma fisicamente, mas podem imaginá-lo pelas descrições e se apropriar dessas informações para pensar na existência humana e na fé.

Metaforicamente, o deserto pode representar um tempo árido na vida, um recolhimento reflexivo e um apelo à contemplação. São momentos oportunos, um tempo de graça, e favorecem o amadurecimento humano, fecundam as ideias e projetam novas perspectivas. Assim, as leituras nos ajudam nessa jornada vital que todos atravessam em algum período da vida. A liturgia pode ser um instante de refúgio para seguirmos melhor adiante.

O elenco dos textos apresenta um profeta cansado, que se recolhe para nova experiência com Deus. Elias volta à fonte da fé confessada por Israel para refazer o próprio

caminho de vida. O alimento para seguir animado seu percurso prefigura o “pão da vida” explicado por Jesus no Evangelho. Quem dele come possui a vida eterna. Saciamo-nos dessas iguarias dadas por Deus para vivermos o amor como ele amou, oferecendo a própria vida.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (1Rs 19,4-8)

Os dois livros dos Reis relatam episódios relacionados com o período da monarquia de Israel. Não se preocupam com descrições jornalísticas dos fatos, mas com a ação de Deus na história e em gerar fé nas pessoas que leem o texto. Entre tantos eventos ligados aos reis, há um espaço para o profeta Elias.

A leitura se situa em um momento em que o profeta se encontrava desolado por conta da sua proclamação contra Acab e Jezabel e os falsos profetas de Baal (1Rs 18,1-19,2). Queriam tirar-lhe a vida, por isso ele partiu para o deserto a fim de se proteger e continuar a missão (1Rs 19,3).

Elias se refugiava naquele lugar que recordava a aliança de Deus com seu povo. Por um instante, ele parou sob um arbusto e pediu a Deus a própria morte, pois se afligia com as ameaças e com a responsabilidade da missão, como Jonas (Jn 4,3.8) e Jó (Jó 7,15). Ali, deitou-se e adormeceu (v. 5).

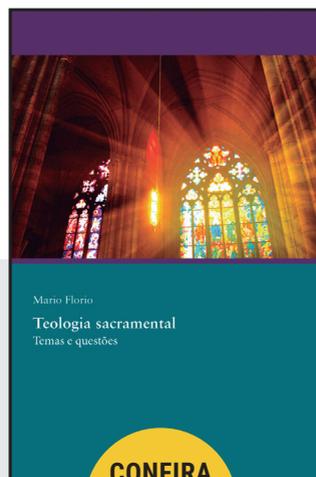
Deus responde à oração do profeta e envia seu mensageiro (anjo) para comunicar-lhe a continuidade do seu ofício. A ordem é para que ele se levante e coma (v. 5). Assim faz Elias: encontra o pão e a água, mas volta ao sono de antes, tentando escapar do desafio de profetizar.

O anjo novamente toca Elias e manda que se levante e coma, pois ainda há longo caminho a percorrer. Então, o profeta se ergueu, comeu e bebeu. Sustentado pelo alimento celestial, caminhou quarenta dias

Teologia sacramental

Temas e questões

Mario Florio



368 págs.

**CONFIRA
VERSÃO
E-BOOK**

Imagens meramente ilustrativas.

São dezoito ensaios distribuídos em três partes: ação sacramental e questões metodológicas, itinerário original sobre os sacramentos e discussões abertas sobre a teologia sacramental.



Aponte a câmera do seu celular e confira a degustação do livro!

Vendas: (11) 3789-4000
08000-164011

paulus.com.br

até o Horeb, o monte da manifestação de Deus (Ex 33,18-23; 34,10-28). O número 40 representa o tempo do povo no deserto (Nm 14,33) e de Moisés na montanha (Ex 24,18; 34,28; Dt 9,9).

Elias percorre o caminho do povo a quem ele serve como profeta e recorda a aliança de Deus com seu povo. As imagens do deserto, do monte, do alimento e do anjo remetem à experiência do êxodo. Assim como Deus guiou seu povo no passado, guiará igualmente Elias para a continuidade da missão.

2. II leitura (Ef 4,30-5,2)

Continuamos a ler a carta aos Efésios nestes próximos domingos do Tempo Comum. As recomendações práticas para os membros da comunidade iluminam nosso momento presente.

O trecho segue com as indicações para uma vida renovada. Primeiramente, não contristar o Espírito Santo, com o qual Deus selou os efésios para a salvação definitiva (v. 30). Por conseguinte, devem desaparecer das relações entre os irmãos e irmãs as amarguras, irritações, cóleras e toda espécie de maldade, pois a ação do Espírito de Cristo deve levar a novos comportamentos.

A seguir, o autor apresenta as proposições afirmativas (4,32-5,2). O fiel deve ser bom com os outros, compassivo, perdoar a quem precisa, imitar a Deus, enfim, amar como Cristo, ofertando a própria vida como oblação. Ocorre, no último versículo, a linguagem cultual para apresentar a maneira de Cristo amar, como “oferenda de agradável odor” (Ex 29,18; Lv 1,17).

O pão que nos sustenta e alimenta pode nos inspirar posturas diferentes para a ação cotidiana. A Palavra ouvida, saciada e celebrada deve nos ajudar a ter atitudes e gestos para com o próximo mais condizentes com a escolha de fé.

3. Evangelho (Jo 6,41-51)

Acompanhamos, nos últimos domingos, o discurso sobre “o pão da vida” (Jo 6): uma catequese eucarística que se desenrola em Cafarnaum (Jo 6,24-25), por consequência da multiplicação dos pães (Jo 6,1-14).

O trecho deste domingo se inicia com a “murmuração” dos judeus (v. 41), porque Jesus se apresenta como pão descido do céu. O ato dos judeus lembra as reclamações por alimento na saída do Egito (Ex 16,2). Tal atitude é descrita, na tradição judaica, como falta de fé. Portanto, temos uma oposição desses interlocutores a Jesus por causa de sua identidade. Eles pensam apenas na origem humana: “Este não é Jesus, o filho de José? Não conhecemos seu pai e sua mãe?” (v. 42).

Então, Jesus adverte-os para que tenham outra postura, diferente da dos antepassados no deserto (Nm 14). Ensina-lhes que as pessoas que vão até ele são atraídas pelo Pai, a quem os judeus chamam de Deus. Jesus ressuscitará esses fiéis no último dia (v. 44). Portanto, quem não acolhe sua mensagem, como esses judeus nesse trecho do Evangelho, não está em sintonia com o Pai, não conhece os desígnios de Deus.

Quando alguém acredita, revela-se o sentido pleno da palavra da Escritura: “Todos serão discípulos de Deus” (Is 54,13; Jr 31,33-34). Quem ouve a voz de Deus e dele aprende vai a Jesus, pois este foi enviado pelo Pai. A propósito, os judeus queriam muito ver a Deus. Ninguém o viu. Só Jesus, que vem junto do Pai, é quem o viu e o revelou aos que creem (Jo 1,18).

A passagem se conclui com a afirmação de Jesus de que quem nele crê tem a vida eterna (Jo 3,15.16.36). Jesus é o pão da vida! Os antepassados dos interlocutores de Jesus comeram o maná no deserto e morreram por lá. O maná saciava apenas a matéria, que se deteriora com o tempo. Jesus é alimento que vem de Deus (desce

do céu) para gerar vida eterna em quem dele se aproxima. Ele não apenas dá a vida, mas também possui a vida em si mesmo (Jo 1,4; 5,26).

Por fim, Jesus especifica e sintetiza seu ensinamento, explicitando qual alimento ele oferece. O pão vivo que desceu do céu é sua carne para a vida do mundo (v. 51). A palavra “carne”, preciosa para João (1,14), designa a realidade humana com suas possibilidades e fraquezas (Jo 3,6; 8,15). A humanidade de Jesus, sua existência terrena e o mistério de sua vida são oferecidos para que quem nele crê possua a vida eterna.

A Eucaristia dada por Jesus e celebrada por nós é o memorial dessa entrega de si que culminou na cruz. Cada vez que comungamos do pão “eucaristizado”, estamos acolhendo o dom de sua vida, entregue por amor a cada um de nós. Esse alimento gera a vida eterna em nós e nos conduz à eternidade definitiva para a qual fomos criados.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Nossa existência é marcada por momentos bons e ruins. A dinâmica de viver nos exige sabedoria para lidar com as variações e as surpresas que nos vêm. Apenas na virtualidade das mídias sociais a vida parece não ter problemas.

O deserto é uma metáfora para representar a travessia deste tempo para a eternidade. Algumas vezes, precisamos de um refúgio, como Elias, para refazer as forças, experimentar a Deus, alimentar-nos e recobrar o ânimo para levantar-nos e seguir. Esse refúgio pode ser um lugar ou um tempo para tal finalidade. A gruta do Horeb deve ser nosso interior, no qual Deus se manifesta e nos encoraja para a missão.

Saciamos nossa fome e sede com o “pão da vida”, a carne de Jesus oferecida a nós em cada Eucaristia. Encontramos no

O bispo, o pastor

Autoridade na Igreja é servir

Papa Francisco/ Carlo Maria Martini



96 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

CONFIRA
VERSÃO
E-BOOK

A obra apresenta textos que constroem e afirmam a ligação entre os fiéis e seus pastores, na mesma e única unidade do povo de Deus do qual fazem parte, cada um no exercício da sua vocação específica.



Aponte a câmera do seu celular e confira a degustação do livro!

Vendas: (11) 3789-4000
08000-164011

paulus.com.br

Senhor a força para não desistir diante dos desafios, sejam pessoais, profissionais, familiares etc. A comunhão com o corpo do Cristo nos faz viver seu amor e encontrar sentido para existir.

Neste domingo ainda recordamos o dia dos pais e o início da Semana da Família em muitas dioceses do Brasil. Que vivamos em nossos lares o que escutamos na Palavra de Deus. Celebrar bem a liturgia significa vivenciar o que aprendemos e praticar o que oramos.

SOLENIDADE DA ASSUNÇÃO
DA BEM-AVENTURADA VIRGEM MARIA
18 de agosto



Cantar as maravilhas de Deus na humanidade

I. INTRODUÇÃO GERAL

O mistério da Assunção nos faz voltar o olhar para o alto, para o mistério de Deus, para a destinação final de todos nós. Ao mesmo tempo, olhamos para nossa realidade terrena, material e carnal, na qual Deus se manifesta. Maria foi “assunta” aos céus “a partir de” e “com” nossa realidade humana.

A solenidade celebra a proclamação do dogma por Pio XII em 1º de novembro de 1950. Conforme lemos no documento *Munificentissimus Deus*: “A imaculada Mãe de Deus, a sempre Virgem Maria, terminado o curso da vida terrestre, foi assunta em corpo e alma à glória celestial”. O enunciado do magistério não explica como aconteceu esse evento, mas apenas comunica algo a respeito do final da vida de Maria, o qual diz respeito à destinação final humana.

Maria compartilha o desígnio do Filho, o qual um dia também compartilharemos. Ela participou da vida de Jesus, foi discípula fiel, parte da comunidade perseverante na oração e apóstola do mistério da ressurreição. Depois, foi ressuscitada por Deus, ou seja, assumida de corpo e alma, em sua totalidade, por Deus.

Assim, esperamos participar da ressurreição de Jesus como Maria já participa. Professamos essa fé e aguardamos a realização, em nosso corpo, dessa glorificação definitiva. Embora todos tenham a certeza da morte, os que creem esperam a ressurreição.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. 1ª leitura (Ap 11,19a; 12,1.3-6a.10ab)

A passagem da primeira leitura narra a abertura do santuário de Deus no céu e uma série de efeitos consequentes da visão da esfera celestial: relâmpagos, vozes, trovões, terremotos e tempestade de granizo (v. 19). Esses fenômenos naturais acompanhavam as teofanias no Antigo Testamento. O texto quer mostrar que algo divino está se manifestando.

A seguir, aparece nessa dimensão transcendente, no céu, um grande “sinal”. O Apocalipse usa esse termo para evocar os feitos maravilhosos ou estupendos, da mesma forma que o livro do Êxodo fala dos “sinais” que Deus realizou para o povo na saída do Egito. Então, surge uma mulher gloriosa, com características celestiais e divinas, pois era revestida de astros, vestida com o sol, possuía a lua debaixo dos pés e, sobre a cabeça, uma coroa de doze estrelas (v. 1). Estava grávida e gritava por causa das dores de parto, como a descrição de Gn 3,15-16, pois estava sofrendo com o trabalho de dar à luz o Messias (v. 5).

Em contrapartida, aparece outro sinal no céu, contrastando com o anterior: uma hostilidade, uma adversidade, um grande

Dragão, avermelhado como fogo (v. 3). Ele tinha sete cabeças (plenitude de poder político: Ap 17,3.7.9) e dez chifres (grande número de vassalos: Ap 17,12.16) e, sobre as cabeças, sete diademas (insígnias de realeza). Seu poder e fúria são descritos por meio dessas cabeças, chifres e diademas.

A mulher, representação da comunidade de fé, a Igreja, fugiu para o deserto, lugar valioso de refúgio dos perseguidos, oposto à cidade, o qual recorda a ação de Deus (Ex 2,15; 1Rs 19,3-4; 1Mc 2,29-30). O autor lembra o tempo do êxodo, no qual Deus tinha alimentado o povo de Israel no deserto do Sinai (Ex 16; Sl 78); assim, de modo semelhante, é preparado um lugar onde o novo povo de Deus seja alimentado durante 1.260 dias (Ap 11,2), como outrora o povo de Israel.

O trecho selecionado para a liturgia se conclui com a proclamação da vitória de Deus: “agora chegou a salvação” (v. 10). O acusador e perseguidor da comunidade de fé é derrotado pela chegada do Reino de Deus, do poder e da autoridade de Cristo. Assim, Maria assunta ao céu, celebrada nesta solenidade, representa essa vitória de Deus, que resgata a humanidade da morte e a faz partícipe da eternidade.

2. II leitura (1Cor 15,20-27a)

Na comunidade de Corinto, Paulo enfrentava um problema de cunho doutrinal, a saber: a negação da ressurreição. Alguns fiéis, em razão de uma compreensão antropológica diferente, segundo a qual o corpo não participaria da salvação escatológica, negavam a ressurreição dos mortos e a de Cristo (1Cor 15,12).

Essa negação decorria de uma perspectiva espiritualista platônica, dualista, na qual não se aceitava uma vida “corpórea” no além-morte. O corpo ressuscitar, nesse entendimento errôneo, significava um rebaixamento e uma contradição à vida

O fracasso do ateísmo

Jesús María Silva Castignani



312 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

**CONFIRA
VERSÃO
E-BOOK**

A obra está dividida em quatro partes: um breve resumo da história do pensamento, perguntas fundamentais que podem dar sentido à vida, uma discussão sobre autores que afirmam que Deus não existe e os indícios racionais que contradizem o ateísmo.



Aponte a câmera do seu celular e confira a degustação do livro!

Vendas: (11) 3789-4000
08000-164011

paulus.com.br

espiritual, pois os espirituais já teriam atingido uma perfeição da sabedoria e no uso dos carismas. Por isso já se sentiam ressuscitados, alienando-se do momento presente e considerando que na morte não haveria acréscimo de realidades novas.

O ponto de partida da argumentação de Paulo é o credo cristão primitivo (1Cor 15,3-5), segundo o qual Cristo morreu pelos nossos pecados (1Cor 15,3), foi sepultado (1Cor 15,4a), foi ressuscitado ao terceiro dia (1Cor 15,4b), apareceu a Cefas e a um grupo de discípulos (1Cor 15,5).

Assim, a segunda leitura da liturgia deste domingo afirma a ressurreição de Cristo como primícias dos que morreram (v. 20). Portanto, em Cristo, todos ressuscitarão conforme seu tempo, sua ordem e momento (v. 22-23). A celebração da Assunção afirma a participação de Maria no mistério da ressurreição, do qual um dia também participaremos. Os dois eventos (ressurreição de Jesus e assunção de Maria) proclamam a vitória do amor de Deus sobre o pecado humano, a superação da morte pela vida e o triunfo da comunhão sobre a separação.

Para Paulo, a corporeidade que constitui o ser humano é atingida pela ação salvífica de Deus. O Cristo crucificado e ressuscitado possui um corpo (1Cor 10,16; 11,27). A ressurreição puramente espiritual não corresponde ao sentido do batismo, pois por ele o cristão é inserido no corpo de Cristo, para que a morte seja superada e vencida pela força ressuscitadora do Espírito Santo.

3. Evangelho (Lc 1,39-56)

A mirada para o além, para a destinação final e para a assunção não pode nos distrair da realidade pragmática e real na qual vivemos. O Evangelho deste domingo apresenta indicações de como Maria praticava sua fé:

escuta de Deus, disponibilidade para servir e reconhecimento das maravilhas de Deus na própria vida.

A passagem se inicia com Maria “levantando-se e indo apressadamente”, desde Nazaré da Galileia até as montanhas da Judeia, para chegar à casa de sua prima Isabel. A novidade anunciada pelo anjo (Lc 1,26-38) não a acomoda, mas põe a “serva do Senhor” em movimento para servir a quem precisa. Ela visita porque foi visitada por Deus! Isabel, representante da esperança do povo de Israel, estava grávida do precursor do Messias. O encontro entre as duas mulheres e entre as duas crianças repercute fisicamente no ventre e nas emoções de ambas as mães (v. 39-45). A esperança se encontra com a realização da promessa.

Na sequência, Maria entoava um cântico de enaltecimento ao Senhor, que fez maravilhas por ela e por seu povo (v. 46-55). O *Magnificat* é uma proclamação forte, aguerrida e revolucionária da ação divina na história humana. Demonstra a predileção de Deus pelos humildes e pobres e um desejo de estabelecimento de um mundo de relações mais igualitárias e justas. Cantando, Maria resume os feitos divinos na história do povo de Israel e prolonga seu “sim” comprometido com o projeto salvífico de Deus.

Por fim, a imagem da mulher grávida, capaz de dar à luz a novidade de Deus para o mundo, une-se à imagem da mulher assunta e acolhida por Deus. A espera inicial do “novo” se liga ao destino dado pelo Senhor como dom aos que creem. Maria, mulher de fé, precedeu-nos!

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Lendo o dogma da assunção de Maria e pensando em suas repercussões, podemos compreender que não somos uma alma aprisionada em um corpo. Este não constitui um empecilho para nossa plena realização como seres humanos, destinados à comunhão com

Deus. Ao contrário, na ressurreição, nossa corporeidade é resgatada e transfigurada no absoluto mistério de Deus.

Assim, Maria, glorificada no céu em corpo e alma, é a imagem e o começo da Igreja e da humanidade do futuro, um sinal escatológico de esperança e consolo para o povo de Deus que caminha para a pátria definitiva. As pessoas que vivem uma consagração específica em um carisma explicitam esse sinal escatológico. Vivem já no aquém as realidades do além, como ensina o dogma da assunção.

O papa Francisco, pensando na assunção de Maria, reza desta maneira: “Maria, a mãe que cuidou de Jesus, agora cuida com carinho e preocupação materna deste mundo ferido. Assim como chorou com o coração trespassado a morte de Jesus, assim também agora se compadece do sofrimento dos pobres crucificados e das criaturas deste mundo exterminadas pelo poder humano. Ela vive, com Jesus, completamente transfigurada, e todas as criaturas cantam a sua beleza” (*Laudato Si'*, n. 241). Que seja assim nossa oração e que ela se torne ação e compromisso de fé e vida.

21º DOMINGO DO TEMPO COMUM

25 de agosto



Qual é sua escolha de vida?

I. INTRODUÇÃO GERAL

O Tempo Comum vai avançando, e a Palavra de Deus instiga-nos a fazer escolhas na vida. Aos poucos, vamos percebendo coisas que não condizem com o que ouvimos ou caminhos que percorremos e não devem ser retomados. Somos seres de escolhas, e Deus nos ilumina para fazermos o melhor.

Ternura

Uma abordagem ético-teológica

José Antonio Trasferetti e Ronaldo Zacharias (orgs.)



280 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

**CONFIRA
VERSÃO
E-BOOK**

Os autores desta obra empenham-se em apresentar a ternura como um novo modo de anunciar a mensagem cristã numa sociedade tão dilacerada pelo ódio e pela violência.



Aponte a câmera do seu celular e confira a degustação do livro!

Vendas: (11) 3789-4000
08000-164011

paulus.com.br

O texto de Josué conclama o povo de Israel para servir o Senhor. Jesus questiona seus seguidores sobre se querem continuar ou desistir do caminho, pois alguns achavam aqueles ensinamentos duros e difíceis. A carta aos Efésios apresenta o amor de Cristo como opção para as relações humanas. Assim, os textos da liturgia deste domingo nos proporcionam uma reflexão a respeito das opções que fazemos na vida. São, pois, muito propícios para concluir o mês vocacional.

Todos nós, servidores da comunidade de fé, temos nossas escolhas fundamentais na vida. Elas precisam ser sempre renovadas, lembradas e reafirmadas. Nosso “sim” a Deus é para as pessoas, para melhor transmitirmos a fé, servindo o próximo.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Js 24,1-2a.15-17.18b)

O livro de Josué é pouco lido e conhecido por muitos de nós. Ele narra um momento importante da história do povo de Israel: a chegada à terra prometida por Deus e a conquista desse espaço. Josué é o sucessor de Moisés e o personagem de destaque do livro.

O trecho da primeira leitura se situa na parte final do enredo, quando o autor da obra elabora uma “despedida” do personagem Josué em forma de discurso. A cena se apresenta como uma assembleia entre os israelitas em Siquém, cidade-santuário das doze tribos, antes de celebrarem a renovação da aliança com Deus.

Os primeiros versículos (v. 1-2) localizam o leitor no evento. Era uma reunião de todas as tribos, juntamente com os anciãos, chefes, juízes e demais líderes. A liderança de Josué parecia soberana como a de Moisés, seu antecessor, porque ele falava, em nome de Deus, para todas essas pessoas reunidas. A Palavra de Deus era proclamada a fim de que o povo continuasse no propósito da aliança com Deus.

Um dos pecados mais graves do povo era a idolatria: trocar a fé no Deus único de Israel pelos deuses fabricados dos povos vizinhos. Desse modo, Josué propõe-lhes uma escolha, para decidirem a quem querem servir: aos deuses a quem alguns antepassados serviram ou ao Senhor Deus. Ele demonstra nitidamente sua opção fundamental: “eu e minha casa serviremos ao Senhor” (v. 15).

Movido pelo exemplo de Josué, o povo reage, igualmente aderindo à fé em Deus. A resposta do povo recorda os feitos divinos na sua história. Deus livrou seus pais da escravidão do Egito, realizou sinais maravilhosos diante das pessoas e guardou o povo com carinho e proteção. A memória de Israel confirma a fidelidade de Deus. Por conseguinte, o povo adere a Deus e se dispõe a servi-lo.

Em todo tempo, somos colocados diante de escolhas na vida. Josué não teme optar pelo serviço a Deus. O povo segue seu exemplo e adere à mesma escolha. Nós, que lemos e ouvimos, somos questionados sobre nossas escolhas e a quem servimos na vida. Renovemos nossa escolha pelo Senhor Deus.

2. II leitura (Ef 5,21-32)

Hoje acompanhamos, na liturgia dominical, o último trecho da leitura contínua que fazemos dessa carta. O tema da perícopa são as novas relações em Cristo, principalmente as relações familiares.

O autor se dirige, primeiramente, aos que temem a Cristo (v. 21). Eles devem se submeter uns aos outros. Essa “submissão” pode ser entendida como disposição para servir, e o serviço deve ser a identidade cristã, conforme ensinou Jesus (Mc 8,35). Naquele tempo, a família possuía um único modelo, o patriarcal, centrado na figura do pai provedor de todas as coisas, e a mulher era bem adquirido para a procriação e o cuidado doméstico.

Segue-se uma comparação entre o amor de Cristo pela Igreja e o amor dos esposos. Assim, podemos entender em que sentido as mulheres devem ser submissas aos maridos (v. 22). Não é legitimação do machismo, mas uma comparação com a Igreja, comunidade de fé, que se empenha em servir a Cristo por amor. De igual modo, os maridos devem amar as esposas e se entregar por elas, a exemplo da entrega de amor de Cristo (v. 25). O paralelo que o autor estabelece é Cristo-marido e Igreja-esposa. A relação conjugal se assemelha à ligação de Cristo com a Igreja, uma esclarece a outra.

O amor de Cristo se demonstra na doação da vida realizada em seu ato salvífico. A terminologia é influenciada pelo ambiente litúrgico e cultural, reminiscências das práticas rituais para o batismo: a purificação com a água, a escuta da Palavra e a apresentação sem mancha e santa (v. 26-27).

Da mesma forma, os maridos devem amar suas esposas como a si próprios. Isso significa que a mulher possui a mesma dignidade e deve ser vista como parte do marido, como seu corpo e sua carne, e não como propriedade adquirida para uma função (v. 28-29). Percebemos uma interpretação do episódio da criação da mulher em Gn 2,21-24, por isso a citação direta de Gn 2,24 no v. 31.

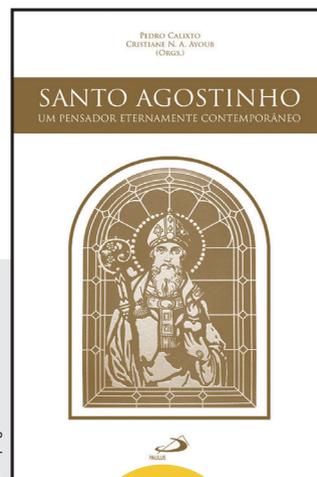
Eis o grande mistério! O amor de Cristo pela sua Igreja se reflete no amor dos esposos. Com isso, caracteriza-se uma relação de doação e acolhida mútua. Ambos são chamados ao serviço, mais do que ao domínio. Devem preferir a entrega da vida a um fechamento egoísta.

A opção por amar realiza e gera felicidade. Se, na primeira leitura, era uma escolha por Deus em detrimento dos ídolos, aqui é uma escolha de amor e doação, como Cristo fez. Nossas escolhas de vida podem refletir esse grande mistério.

Santo Agostinho

Um pensador eternamente contemporâneo

Pedro Calixto/ Cristiane N.A. Ayoub (orgs.)



216 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

**CONFIRA
VERSÃO
E-BOOK**

Esta coletânea de artigos é de grande valor para os leitores voltados para a filosofia, para a história das ideias, para a teologia ou para os estudos clássicos.



Aponte a câmera do seu celular e confira a degustação do livro!

Vendas: (11) 3789-4000
08000-164011

paulus.com.br

3. Evangelho (Jo 6,60-69)

Neste domingo também acompanhamos a última parte do discurso do “pão da vida” no Evangelho de João. Os efeitos do que Jesus ensinou refletem em seus ouvintes, principalmente nos discípulos.

Algumas pessoas acharam as palavras de Jesus difíceis demais para aceitar. Era uma novidade exigente! Jesus percebeu interiormente que estavam resmungando, como em Jo 6,41, porque ele ensinou a respeito do pão descido do céu. Mais assustados eles ficariam quando vissem o Filho do Homem subir para onde estava antes, para sua origem em Deus (v. 62). Como em outros momentos no discurso, os interlocutores não compreenderam o que Jesus falava.

O Espírito é quem vivifica e conduz à compreensão das palavras de Jesus (v. 63). No entanto, eles ainda eram carnis, fechados em si mesmos (Jo 3,6-8), e precisavam de conversão para assimilar o mistério apresentado por Jesus. As “duras” palavras de Jesus são inspiradas pelo espírito (sopro divino) e geram vida, porém a carne (os critérios humanos) não serve para interpretar o sinal dos pães e o apelo à conversão embutido nele.

Jesus pensava além da realidade e sabia que nem todos os que se diziam discípulos realmente acreditavam – o caso extremo era o de Judas. Desta maneira, os discípulos se encontravam diante da proposta de fazer uma escolha fundamental: aderir e converter-se ou recusar e continuar da mesma maneira. Por consequência, entre os que se diziam discípulos, muitos viraram as costas a Jesus e seguiram outro rumo (v. 66).

Jesus não se frustra com a desistência de alguns. Ele não precisa de multidão nem de fã-clube. Por conseguinte, corajosamente, dirige-se aos discípulos mais próximos e pergunta se não querem desistir (v. 67). Pedro, porta-voz do grupo como em Mc 8,29, responde, renovando a fé: “A quem iremos, Senhor? Tu tens palavras de vida

eterna. Nós cremos e reconhecemos que tu és o Santo de Deus” (v. 69). A escolha de Pedro e dos discípulos é continuar no seguimento de Jesus.

As palavras de Jesus instigavam e incomodavam quem as ouvia. Também é assim em nosso tempo. O Evangelho demonstra essa força que interpela, mas à qual nem todos correspondem. O incômodo é para que escolhamos e descubramos a vida eterna, renovando, a cada dia, a fé naquele que é o “Santo de Deus”.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Encontramo-nos sempre diante de escolhas na vida. Sejam coisas simples, como escolher uma roupa, uma refeição ou um lugar para ir, sejam eleições mais complexas, como um estado de vida, uma profissão ou uma decisão que compromete a vida de muitos. Qualquer que seja a opção, é preciso ponderar, refletir, discernir e optar pelo melhor.

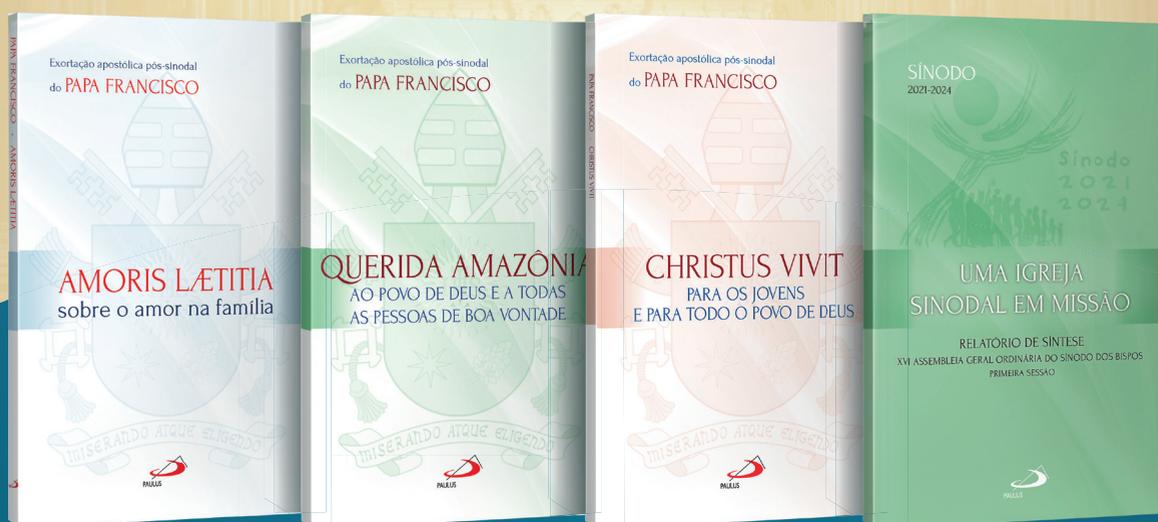
Josué propõe a fé em Deus em oposição à busca dos deuses dos outros povos. Efésios apresenta o amor de Cristo pela Igreja como modelo de amor entre os esposos e de outras relações humanas. No Evangelho, Jesus proporciona a seus seguidores a oportunidade de um discernimento: seguir suas palavras duras ou abandonar essa proposta. Hoje somos confrontados. Que escolhas precisamos fazer na vida?

Às vezes, precisamos deixar algumas coisas, alguns costumes, algumas atitudes. Outras vezes, precisamos buscar algo, agir em determinada direção ou mudar o rumo da vida. A liturgia propõe como critério a vontade do Senhor, seu amor, suas palavras de vida eterna. Quando encontramos essa beleza, podemos ir adiante.

A opção pelo que Deus inspira tira-nos do comodismo e desloca-nos para algo maior e melhor em nossa vida e na vida dos outros. Nem sempre temos tudo tão claro. Entretanto, se a convicção de fé nos faz perceber o apelo de Deus, podemos seguir em frente, pois em algum momento compreenderemos. **VP**



DOCUMENTOS DA IGREJA



Os documentos do magistério são diretrizes, reflexões e estudos indispensáveis para a compreensão dos temas relacionados à Igreja. Conheça as obras disponíveis que servirão de auxílio para você entender mais sobre a continuidade magisterial e apostólica da Igreja Católica.

loja.paulus.com.br
(11) 3789-4000 | 08000-164011
vendas@paulus.com.br
f @editorapaulus



Aponte a
câmera do
seu celular e
saiba mais!

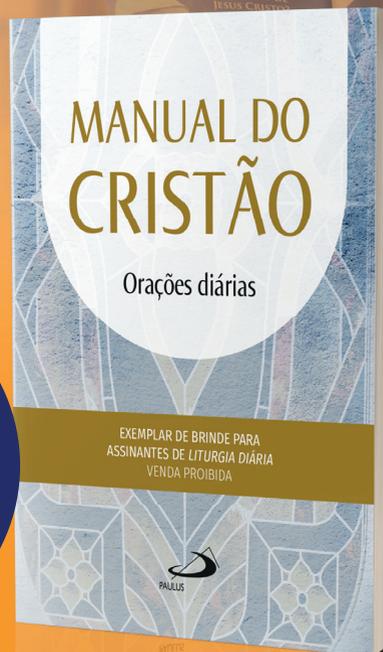


Liturgia Diária

**ASSINE, GANHE E
COLECIONE**

**Nas assinaturas
realizadas de 01/07
a 27/10/2024**

**GANHE
O 1º volume da
coleção exclusiva
para assinantes.**



**O brinde será enviado junto com a remessa 3.
Limitado a um exemplar por assinatura.**

Faça ou renove sua assinatura!

loja.paulus.com.br
(11) 3789-4000 | 08000-164011
vendas@paulus.com.br
f i x @editorapaulus



Aponte
a câmera
do seu celular
e garanta
a sua!


PAULUS